CANCIONEIRO DE JOÃO DE LEMOS

TERCEIRO VOLUME

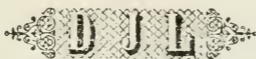
IMPRESSÕES E RECORDAÇÕES

CANCIONEIRO

DE

JOÃO DE LEMOS

TERCEIRO VOLUME

IMPRESSÕES E RECORDAÇÕES

LISBOA

ESCRIPTORIO DO EDITOR — RUA DO BEM FORMOSO, 153.

1866

OBSERVAÇÃO PRELIMINAR

Por differentes causas se demorou a publicação deste volume, que é o ultimo da collecção annunciada e promettida ao publico sob o titulo de *Cancioneiro.*

Algumas dessas causas tiravam-me o tempo, outras o animo ou a saude para rever e coordenar o que andava espalhado por borrões e por folhas periodicas.

Ninguem perdeu com isso. Os leitores, nada; e eu talvez lucrasse, porque sempre me iria aprovei-

tando a supposição, que se costuma fazer, de que faltava o melhor.

Só assim posso explicar as instancias, e até arguições vehementes, que me têem sido feitas neste intervallo.

Cheguei a receber uma carta anonyma do Porto, que parecia de um credor desesperado com a falta de pontualidade em divida de outro genero.

Todos me faziam muito favor com as suas impaciencias, que eram tão mal empregadas.

Ahi têem agora; desenganem-se por seus olhos.

Não sei se nos jornaes, porque em muitos e diversos de diversas epochas tenho publicado, me escapou alguma composição, que fosse naturalmente chamada a tomar seu logar neste ou nos volumes anteriores.

Se escapou, aqui declaro que a não engeito, já que veiu á luz. Isso não; bôa ou má, devo-lhe o abrigo do lar paterno, não ha remedio senão acceital-a; e caso que me chegue á noticia, entrará n'uma segunda edição, quando porventura se faça.

Pelo que toca aos borrões perdidos e ao que ainda corre por copias, que não obtive e que em bre-

ve se perderão tambem, cuido que o melhor é deixar que a posteridade se lamente dessas perdas. Ha pessoas que se lembram de ter por lá visto excellentes cousas. Que pena não se saber dellas ou haver desalmados com tanta paixão pelos manuscriptos!

Um meu contemporaneo da Universidade guarda com cuidado o original de uns versos meus d'aquelle tempo, em sobrescriptos de cartas, que elle se gloría de ter livrado de embrulhar palitos. Deus lhe perdôe, que era provavelmente o melhor destino que os taes versos podiam ter. Gabou-m'os muito, e prometteu-me uma copia, que me não mandou, no que acho que fez bem. Tirava todo o valor archeologico áquella peça, que ha-de ser obra asseada.

Podéra não? Creio que era uma definição do amor com todos os ff e rr do abecedario enthusiastico dos primeiros annos da mocidade.

Mas não levava de certo as lampas a uma carta a Julia, que, sendo eu bem criança ainda, o sr. *A. Herculano* teve a paciencia de me ouvir e a bondade de me dizer que fizesse então muitos d'aquelles versos, porque depois os quereria fazer e não poderia.

Isso é que era!

Tenho procurado debalde essa preciosidade, que aquellas palavras isentavam da morte;—lá vae para o rol das que o futuro tem de chorar perdidas.

Entraram todavia neste volume, como nos precedentes, alguns de meus primeiros versos publicados, e repito o que lá disse: vem trasidos pelo assumpto. Outros, que talvez ficassem melhor n'outra parte, ou só agora dei com elles, ou foram feitos depois; e pareceu-me não só que o titulo os podia aqui abranger, mas tambem que não era realmente cousa com que me detivesse em escrupulos — uma questão de titulo.

Não quiz com as notas engrossar a obra para valer pelo pezo; quasi que só puz as que julguei rigorosamente indispensaveis para se entenderem os logares ou as composições a que se referem.

Das poucas que seriam escusadas para aquelle fim e que me podem lisongear a vaidade, digo francamente que vão menos por isso do que por pagar tributo de consideração e reconhecimento a quem de veras o devia.

Se depois frustrei esperanças, que em mim ti-

nham então os que mais palmas me cortaram, a culpa foi só minha, e não hei-de accrescental-a com a ingratidão de as não guardar veneradas.

O que me consola de não ter chegado a realisar o que se esperava, é o pouco que se póde sentir essa falta, pelo muito e melhor que tantos outros já deixam feito e promettem ainda.

Por fim de contas ninguem vive e ninguem morre senão quem tem de viver ou morrer.

Quinta de Anta 28 d'Abril
de 1866.

I

O SINO DA MINHA TERRA

Tange, tange, augusto bronze,
Teu som alegre e festivo,
Despertando échos do peito,
Faz-me ficar pensativo!

Era assim que tu cantavas,
Quando nasceu minha mãe,
Quando a viste ser esposa,
E após ter filhos tambem.

Choraste-a quando ao sepulcro...
Longe idéa tão funesta!...
Era assim que te alegravas
Todos os dias de festa.

Era assim que te folgaste
Quando fui, debil menino,
Mergulhar nas santas aguas
O meu corpo pequenino.

Era assim que ao Céo dizias,
Acompanhando a oração,
=Mais um roubo a Satanaz,
Para Deus mais um Christão.

Tange, tange, augusto bronze,
Teu som alegre e festivo,
A cada nova pancada
Me torna mais pensativo.

Quantas vezes me chamaste,
Em meio de meus folguedos,
A louvar c'o povo todo
Da igreja santos segredos!

Ora á missa convidando,
Ora ao solemne sermão,
Ora a invejar os anjinhos
Que levava a Procissão.

Eu era doido no templo
C'os sons do orgão sagrado,
Canto, insenso, ramalhetes,
E c'o trono illuminado.

Minhas preces mal sabidas
Eram todas d'innocencia,
Inda os labios ignoravam
As preces da penitencia.

Oh! como tu me recordas
Nessa voz enternecida,
Doce viver d'essas horas
Da aurora doce da vida!

Tange, tange, augusto bronze,
Teu som, casado comigo,
A cada nova pancada
Me torna mais teu amigo.

Ás vezes nas horas quentes,
Quando eu brincava e sorria,
Vinhas tu bradar-me = reza,
Que é chegado o meio dia!

Ás vezes na hora da sesta
Acordava ao teu clamor,
Era um christão que pedia
A vizita do senhor.

Ás vezes junto da noite
Tristinho amando um retiro,
Tu me afagaste juntando
Teu suspiro ao meu suspiro.

Ás vezes tambem vieste
Dizer-me, com voz de ferro,
=Para aqui lá vem agora
Do teu amigo o enterro!

Eu chorava... eras forçado,
Era a mão do atroz sineiro,
Não eras tu que buscavas
Ser da morte o pregoeiro.

Tange, tange, augusto bronze,
Teu som, casado comigo,
A cada nova pancada
Me torna mais teu amigo.

Com que esp'ranças vi saudar-te
Lavrador, que a lida insana
Deixava, para c'os filhos
Ir demandar a cabana!

Com que ledice te esp'ravam
Ternos amantes d'aldeia!
Tu lhes dizias a hora
Em que inda é morta a candeia.

Em que a voz tem mais doçura,
Tem o peito mais desejos,
São os risos mais mimosos,
São mais suaves os beijos.

Nada d'isso eu conhecia,
Mas tua voz feiticeira
Não me era nunca indiff'rente,
Nunca me foi estrangeira.

Hei vivido de ti longe,
Desde a infancia não te ouvi,
De novo agora te escuto,
De novo a infancia senti.

Vou partir... talvez não volte,
Mas levem-me echos da serra
Estes sons, que heide amar sempre,
O sino da minha terra!

Se inda aqui vier morrer,
Chora no meu funeral,
E se for em terra alheia,
Repete o alheio signal.

Tange, tange, augusto bronze,
Teu som, casado comigo,
Inda na morte me agrada,
Inda alli sou teu amigo.

II

O MEU TUMULO

Longe do mundo, na soidão d'um sêrro
Pendido ao mar, a namorar-lhe as iras,
Sagrai, amigos, ao meu somno infindo,
Gelido leito.

Cavai bem fundo, seja negra a pedra,
E em letras brancas escrevei-lhe — *Um triste!*
Funereo lume d'uma cruz pendente
Tremulo brilhe.

Cyprestes, cedros, lacrymosos ferrem
No chão da morte sepulcraes raizes,
Rouxas saudades, ao redor, e goivos
Pallidos cresçam.

No tronco esguio d'um cypreste quero
A antiga lyra, que entoava amores:
Quebrai-lhe as cordas, arrancai-lhe as vozes
D'halito dôce.

Estatua d'anjo co'uma espada em punho
Irosa finja que defende aos zoilos
Violarem feros o tropheu, que alembra
Avidos gozos.

Gentil donzella, que eu amei na vida,
Com debeis passos ahi venha á noite,
Clamando — bardo — respondei-lhe — bardo —
Pavidos échos!

III

DEPOIS DE UMA LEITURA

Livro, não, não mais... fechei-te!
Não te creio; se te li
Foi debalde; não bebi
Da tua duvida o leite.
Leite amargo, inda o travor
Sinto dos labios á flor
A crestar-m'os co'a impiedade!
Mas lá dos Céus a saudade
Então mais viva sintí,
E do teu descrer o leite
De meus labios o cuspi:
Livro, não, não mais... fechei-te!

Sem crenças! Viver sem vida!
Não ter Deus e não ter lei!
O amor, a patria, o rei,
Ser tudo illusão mentida!
Calcando os sceptros e a Cruz,
Da rasão á frouxa luz
Compor um mundo sem norte!
Ter só esp'ranças na morte,
E alem da morte um—*não sei!*
Quem pode assim tão despida
Ter a existencia? Sem lei,
Sem crenças, viver sem vida!

Triste, horrivel liberdade!
Abraçar-me ao nada só!
Do sepulcro o frio pó
Ter por unica verdade!
Pois nem sequer hei-de crer
No coração da mulher,
Quando o tenro filho afaga,
Que tanto extremo lhe paga
N'um beijo, n'um beijo só?!
Fazes-me livre a vontade
C'um pouco de escuro pó?
Triste, horrivel liberdade!

Hei-de só crer que não creio?!
Na virtude não ter fé,
E vir da duvida o pé
Esmagar-me o intimo seio?!
Inventar em vez de Deus
O cego acaso, e nos Céus
Ver um effeito sem causa?!
O movimento ou a pausa
Da natureza o que é?
Vejo as cousas... se descreio,
Que me fica em vez da fé?
Hei-de só crer que não creio?!

Ai! Não, livro, não venceste!
Fechei-te e no coração
Fechei o crer de christão,
Que tu em vão combateste.
Que me davas contra a dor?
Ou na alegria? No amor?
Davas-me o peito vazio?
Duro sempre, sempre frio?
E por só consolação
Ter o nada?! — Combateste
As minhas crenças em vão:
Ai! Não, livro, não venceste!

IV

O TUMULO DE NERO

Já nas orlas do horisonte
Foi branda tarde expirar,
E de traz d'aquelle monte
Surge pallido luar;
Surge... surge... eis todo assoma...
Lá tinge as grimpas de Roma,
Das grimpas ao chão desceu,
Inunda o campo Vaccino,
Eis abraça o Palatino,
Beija a face ao Colosseu.

Aqui vaidosa a Tarpeia
No Tibre se retratou;
Cuido ouvir que d'entre a veia
Maldição! Manlio bradou;
Mais alem, Roma, o teu solio,
O soberbo Capitolio,
Que vencidos Reis já viu;
Agora a torre de Nero,
D'onde em chamas te olhou fero,
E fero ás chamas sorriu.

D'aqui ao Céu crystallino
Se eleva, banhado em luz,
O arco de Constantino,
Memoria delle, e da Cruz;
D'alli... debalde o procuro,
O antigo roble escuro,
De escuro tingindo o chão!
Em vez do roble d'outrora,
As nuvens devassa agora
Marmoreo templo christão.

Era ahi, *do povo ás portas*,
Que ao roble vinha poisar
Negro corvo, e ás horas mortas
O corvo sempre a grasnar;
Era o terror da cidade!

Nem velhice ou mocidade
Lá passava sem pavor;
E quando já vinha perto,
Redobrava o passo incerto
O cançado viajor.

Roma! Roma! Era um mysterio
O corvo, que alli grasnou?
Sobre as ruinas do imperio
Foi Mario, que se assentou?
Foram manes de Trajano?
Foi um Pompeu Africano?
Foi a sombra de Catão?
Ou, praguejando o Senado,
Foi Cesar ensanguentado?
Foi, foi elle, ó Roma?—Não!

Foge o mysterio co'a aurora,
Co'a noute torna a voltar;
No mesmo ramo, á mesma hora,
O mesmo corvo a grasnar!...
Roma! O corvo agoureiro
Dos mortos acode ao cheiro,
Que morto jazia alli?
A terra foi revolvida...
Sepulcral urna partida
Agora descubro aqui!...

A urna tem lettras... quero
Ler a funerea inscripção,
Eis o lemma—aqui jaz... Nero!
Nero!... Nero!... Maldição!
Mal haja o tigre romano!
Mal haja, Roma, o tyranno,
Que em teu seio se criou!
Que é das cinzas? O moimento
Quebrara o povo, e ao vento
De Nero as cinzas lançou!

Oh! Roma! Teu nome eterno
Ha-de manchal-o este só!
Nero!... Filho lá do inferno,
Nem lhe soffre a terra o pó!...
Inda sepulto põe medo!
E do sepulcro o segredo
Vem negro corvo ensinar!
Ensina, que é magoa dura
Ter um Nero sepultura,
Poder Nero descançar!

Já sobre o roble o machado
Vae justiceiro punir,
Inda alli não ter seccado,
E de Nero se nutrir:
Cahe o tronco da maldade...

E depois serve á piedade
Nas pedras que alli conduz!
Aonde occulta dormia
Ferreo somno a tyrannia,
Vela erguida agora a cruz!

V

A LUA DE LONDRES

É noite: o astro saudoso
Rompe a custo um plumbeo Céu,
Tolda-lhe o rosto formoso
Alvacento, humido véu;
Traz perdida a côr de prata,
Nas aguas não se retrata,
Não beija no campo a flôr,
Não traz cortejo de estrellas,
Não falla de amor ás bellas,
Não falla aos homens de amor.

Meiga lua, os teus segredos
Onde os deixaste ficar?
Deixas-te-os nos arvoredos
Das praias d'além do mar?
Foi na terra tua amada,
N'essa terra tão banhada
Por teu limpido clarão?
Foi na terra dos verdores,
Na patria dos meus amores,
Patria do meu coração?

Oh! que foi!... Deixas-te o brilho
Nos montes de Portugal,
Lá onde nasce o tomilho,
Onde ha fontes de crystal,
Lá onde veceja a rosa,
Onde a leve mariposa
Se espaneja á luz do sol,
Lá onde Deus concedera
Que em noites de primavera,
Se escutasse o rouxinol.

Tu vens, ó lua, tu deixas
Talvez ha pouco o paiz,
Onde do bosque as madeixas
Já tem um flóreo matiz;
Amas-te do ar a doçura,

Do azul Céu a formosura.
Das aguas o suspirar;
Como has de agora entre gêlos
Dardejar teus raios bellos,
Fumo e nevoa aqui amar?

Quem viu as margens do Lima,
Do Mondego os salgueiraes,
Quem andou por Tejo acima
Por cima dos seus crystaes,
Quem foi ao meu patrio Douro
Sobre fina areía de ouro
Raios de prata esparzir,
Não póde amar outra terra,
Nem sob o Céu d'Inglaterra
Dôces sorrisos sorrir.

Das cidades a Princeza
Tens aqui; mas Deus igual
Não quiz dar-lhe essa lindeza
Do teu e meu Portugal;
Aqui, a industria e as artes,
Alem, de todas as partes,
A natureza sem véu;
Aqui, ouro e pedrarias,
Ruas mil, mil arcarias,
Além, a terra e o Céu!

Vastas serras de tijolo,
Estatuas, praças sem fim
Retalham, cobrem o sólo,
Mas não me encantam a mim:
Na minha patria uma aldeia
Por noites de lua cheia
É tão bella e tão feliz!...
Amo as casinhas da serra
Co'a lua da minha terra,
Nas terras do meu paiz.

Eu e tu, casta deidade,
Padecemos igual dor,
Temos a mesma saudade,
Sentimos o mesmo amor:
Em Portugal, o teu rosto
De riso e luz é composto,
Aqui, triste e sem clarão;
Eu lá, sinto-me contente,
Aqui, lembrança pungente
Faz-me negro o coração.

Ei-a, pois, ó astro amigo,
Voltemos aos puros Céus,
Leva-me, ó lua, comtigo
Preso n'um raio dos teus;
Voltemos ambos, voltemos,

Que nem eu nem tu podemos
Aqui ser quaes Deus nos fez;
Terás brilho, eu terei vida,
Eu já livre, e tu despida
Das nuvens do Céu inglez.

VI

POR QUE ME PEDES CANTOS?

Se recebeste de Deus
    Tão doce lyra,
Se tens, chovida dos Céus,
    A luz que inspira,
Donzella, porque favor
Vens ao pobre trovador
Pedir cantos? Sons de dor
    Que elle suspira?

Tu, que as sonoras canções
Dessa voz linda
Bordar podes d'illusões,
Feliz ainda?!
Tu, que no mundo inda crês,
Tu, que um futuro inda vês,
Tu, que a ventura talvez
Cuidas infinda?!

Que tenho para te dar?
No triste canto,
Saudades do meu cantar
Que eu amei tanto?
Saudades do que não sou,
Flores, que o tempo levou,
Risos, que a vida afogou
Já no meu pranto?

Como tu, tambem senti
Prazer que sentes;
Sonhei, gosei, já vivi
Horas contentes;
Mas quando, cego então eu,
Dizia—a vida é um Céu,
O desengano appar'ceu
E disse—mentes!

Desfeita assim a illusão,
Que me sorria,
Escrevi no coração
—Melancolia!
E com ella me abracei,
E mais sonhos não sonhei,
Nem d'outras cordas tirei
Outra harmonia.

Os plangentes vagos tons
Tu queres desta?
Como hei-de queixosos sons
Levar á festa?
A quem vive festival
Dá-se a rosa do rosal,
Mas não goivo sepulcral,
Que lhe não presta.

Um gemido? Faz-te rir,
Assim o creio.
Chorar? Depois de te ouvir
Que isso era feio?!
Sei só chorar e gemer,
E tu não, tu és mulher,
E de bella não par'cer
Terás receio.

Oh! Que as lagrimas jamais
Venham crestar-te
A face, e nella os signaes
Depois deixar-te!
Mas se um dia has-de chorar,
Que ao menos possas achar
Quem comtigo a prantear
Vá consolar-te!

Hoje o pranto é para mim,
Tu cantar deves;
Canta, os dias faze assim
Ledos e breves;
Canta tu que inda tens voz
Como alegre nasce em nós,
E que inda folga veloz
Co'as auras leves.

Canta, que o prazer, bem sei,
T'o persuade;
Canta, canta, eu chorarei
Na soledade;
E quando ausente ouvir lá,
Nos eccos, teus sons de cá,
Menos amarga será
Minha saudade.

VII

MEMORIAS DA INFANCIA

Como as memorias da infancia
Outras memorias não ha;
E mais se augmenta a distancia
Desse tempo que foi já,
Mais cresce em nós a saudade,
Mais a imagem dessa idade
Risonha á mente nos vem,
Que tempo de igual ventura,
Idade de mais candura
Não na torna a ter ninguem.

Namoramos o que fomos,
Quer no prazer quer na dor,
E medindo o que hoje somos
Vemos espinhos sem flor;
Eram d'anjo aquelles annos,
São da terra estes enganos,
Estes dias que ora são;
Então bastava a innocencia,
Hoje só a penitencia
Nos dá paz ao coração.

O riso então era vida,
Vida as lagrimas tambem;
Toda a terra conhecida,
Todas as galas que tem,
Era tudo n'uma sala,
Enchida por essa falla,
Que um mundo sabe criar,
Por aquella voz materna,
Que tem o condão de eterna,
Que fica sempre a lembrar.

Lembra tudo desses dias;
Lembra a oração da manhã,
Co'as celestes harmonias,
Que tinha o rezar da irmã;
Lembra o livrinho dourado,

O santo mais festejado,
As rosas que tinha ao pé,
E a alegre velhinha ao canto,
Sorrindo por entre o pranto,
Que baptisa aquella fé.

Lembra tudo! Aqui brincámos
Sob um puro Céu d'anil;
Alli ralharam, chorámos;
Depois, mil beijos e mil;
Lembra o ramo das violetas,
A caça das borboletas,
A queda... e ao longe um ai
Da mãe, correndo ligeira;
E por festas, ou da feira,
Os dixes que trouxe o pae.

Lembra tudo! Aquella historia
Tão desejada aos serões;
Quem perderia a memoria
Ou da bruxa ou dos ladrões?
E como a velha a contava!
Ninguem lá pestanejava,
Que póde um ponto escapar,
Ou as palavras ou modos,
E no fim pensavam todos
Que era uma pena acabar.

Oh! Como lembra essa meza
Onde era tudo ao redor,
A cadeira, o copo, a reza,
Essa vida, aquelle amor!
Onde haverá mais encanto?
Um tempo que lembre tanto
Quem duas vezes terá?
Augmente embora a distancia,
Como as memorias da infancia
Outras memorias não ha.

E pois que as margens do Douro
Tu voltas, amigo, a ver,
Conta lá que o meu thesouro
Taes memorias hão-de ser;
Conta lá que o homem feito
Não riscou inda do peito
O amor do patrio torrão,
Nascido quando em criança
Os olhos, cheios de esp'rança,
Abriu á luz da rasão.

Nascido lá nessas terras
Tal amor cá não morreu,
Não sabe o filho das serras
Esquecer onde nasceu;
Tira orgulho dessas fragas,

Embora em mais ricas plagas
Viesse longe crescer;
Embora feliz no Tejo,
As aguas do seu desejo
Andam no Douro a ferver.

Andam, que foram aquellas
Onde primeiro me vi,
Foi por essas margens bellas
Onde eu primeiro corri,
Onde vi o sol e a lua,
As conchas na praia nua,
No campo visinho a flor,
E na concha e flor escripto
Aquelle nome infinito,
Que enche o mundo e diz—Senhor!

Foi, foi lá que inda nos braços
Tinha as azas de setim,
Como essas que nos espaços
Bate um alvo cherubim;
Foi lá que fui innocente,
Que tive mãe, aquelle ente
Que nunca mais encontrei;
Foi lá que a terra a meus olhos
Com rosas, em vez d'abrolhos,
Toda vi, e toda amei!

Foi, foi lá! E tal candura
Risonha á mente me vem,
Que tempo de igual ventura
Não no torna a ter ninguem;
Quanto mais nos cresce a idade,
Mais cresce em nós a saudade
Desse tempo que foi já;
Augmente embora a distancia,
Como as memorias da infancia
Outras memorias não há!

VIII

VICTORIA LINDA

I

Sôpro de morte, em tua aurora ainda,
Victoria linda, desbotou-te a côr;
Voz do Senhor a outra vida infinda,
Victoria linda, te chamou em flor!

Nascida á sombra de formoso cedro,
Onde Dom Pedro meiga Ignez amou,
Como chorou a morta Ignez Dom Pedro,
Aopé do cedro tua mãe chorou.

Fonte de lagrimas e amor chamada
Viu-te embalada na tua infancia ahi;
Do Ceu aqui tu vinhas ja fadada
A ser chorada neste amor por ti.

Vento da tarde te levou sem custo,
Qual tenro arbusto sem raiz no pé;
Mas vaes co'a fé enraizar sem susto
Do throno augusto do teu Deus aopé.

Como arribada d'outra praia á beira,
Ave estrangeíra que por cá gemeu,
Do patrio Ceu a suspirar fagueira,
N'aza ligeira remontaste ao Ceu.

Anjo da morte a derradeira hora
Na torre agora que soou já diz,
O bronze quiz alli chorar... não chora,
Nem prece implora... só bradou—feliz!

II

Feliz! De certo. E não chores,
Dirá tudo á triste mãe,
Porque a filha, seus amores,
Melhor mundo agora tem.
Não chores, lhe persuade
A christã conformidade;
Não chores... mas a saudade
Rebenta do coração;
Se curva a fronte ao tormento,
Se obedece o pensamento,
Vem rebelde o sentimento
E as faces regadas são.

Nem ha crime nesse pranto,
Dá Deus prantos para a dor;
Na amargura teem encanto,
Que nutre magoado amor;
As lagrimas são do homem,
Por privilegio lh'as tomem,
Que se a luz dos olhos somem,
Tambem nellas brilha luz!
Quando da Cruz já pendia
O Filho, que lhe morria,
Tambem a Virgem Maria
Foi chorar aos pés da Cruz!

Chora, pois, ó mãe saudosa,
Chora a filha que morreu,
Folha a folha dessa rosa
Recorda o que ja foi teu;
Pinta as graças na memoria,
D'alma e corpo, a doce gloria
Que da formosa Victoria,
N'alma e corpo, podes ter;
Beija o nome—prophecia
Da victoria que a devia
Na vida, e na morte um dia,
C'roada sempre trazer.

Se vês triste o esposo ao lado,
Se os mais filhos tristes vês,
Se o teu anjo é tão chorado,
Tu mais na dor te revês;
Mais lembra então que voara,
Na falta mais se repara,
Mais viva se retratara
A pomba que andava alli;
Era a alegria de tudo,
Na meza, no brinco e estudo,
E tudo agora vês mudo,
E a saudade cresce em ti.

Oh! Não ha, não ha na terra
Outra dor como essa dor,
Que longe cá nos desterra
Da vida do nosso amor;
É das penas negra pena,
Toda a outra é mais pequena,
E se Deus não a condemna
Deixem a pena penar;
Se nos leva todo o riso,
Se ás vezes leva o juizo,
Do gosado paraiso
Possa a saudade ficar.

Chora, chora, alma pungida,
Pobre mãe, se alivio é teu;
Intendo-te a dor sentida
Que bem perto a vi ja eu;
Tambem de filha formosa
Vi na face melindrosa
Desbotar nascente rosa,
E a morte em torno a rugir;
Da sepultura aos regêlos
Vi-lhe os pés ir a descel-os,
Quando Deus pelos cabellos
A suspendeu de cahir.

Tu foste mais desgraçada,
Rola viuva, bem sei;
Choras na campa fechada,
Na campa aberta eu chorei;
Mas nessa magua que eu tinha
A tua bem se adevinha,
E por isso acceita a minha
Que comtigo chorar vem!
Ah! Dize, como eu dissera,
Se é anjo do Ceu... podera,
Vivendo como vivera,
Ser anjo depois tambem.

III

Mas lá vae... oh! Lá jaz... inda fumegam
Mal extinctos brandões!...
Agora em volta os crepes se despregam....
E das sanctas canções
Nos já desertos muros da Capella,
Só resta o echo a suspirar por ella!

Quatorze primaveras!... Falta um dia...
Dia do seu natal!...
Ai! Mas nesse... infeliz!... A mãe fazia
Da filha o funeral!
E em vez da festa em honra da donzella
Só resta o echo a suspirar por ella!

Senhor! Senhor! Não tinhas lá mais anjos?
Tão de pressa, Senhor?!
Pois faltam-te no Ceu córos d'archanjos
A cantar teu louvor?...
Roubando cá da terra essa voz bella,
Só resta o echo a suspirar por ella!

Eterna magua nunca interrompida
Esta, ao menos, será;
Entre a morte e a memoria, espaço a vida
Alegre não terá,
Que da alegria da apagada estrella
Só resta o echo a suspirar por ella!

IX

CONFORTO

Que te importam enganos? Coragem!
Tu és homem, sê forte! E no chão
Os pedaços dispersos da imagem,
Aos dois sejam proficua lição.

A ti digam que tudo entre humanos
Fragil quebra, inconstante e fallaz;
E a ella que um dote de enganos
Por esposo o remorso lhe traz.

Tu aprende a só pôr firme esp'rança
Nas venturas que Deus prometteu;
Ella veja, chorando a mudança,
Que é punida no bem que perdeu.

E ao cabo talvez, quando passem
Etsas sombras terrenas e vans,
Que as duas almas de novo se abracem,
N'outro amor, inda amigas e irmans.

X

MEMORIAS DA JUVENTUDE

Lembras-te, amigo dos dias,
Desses dias que lá vão,
Tão dourados d'alegrias,
Tão gratos ao coração?
Lembras-te, amigo?... Que tempo!
Que vida sem contratempo!
Que encantos... que já não são!

Era aquelle engano cego
Que um Camões soube cantar;
Era a margem do Mondego
Em nossa alma a verdejar;
Era a aurora da existencia;
Era a vida da innocencia
Longe das vagas do mar.

Que mar este cá no mundo!
Que mar cavado! Não é?
Viste abysmo mais profundo
A quem tinha alguma fé?
Mas se tudo engole ousado,
A saudade do parsado,
Ao menos, fique de pé.

Fique em nós, que já vivemos
Vida de crença e d'amor;
Fique em nós, que já soubemos
Viver n'um mundo melhor,
N'um mundo de liberdade,
De franqueza e de verdade,
Sem ambições, sem rancor!

Oh! Recordemos, amigo,
Os nossos risos sem ais,
Quando tu lias comigo
As minhas trovas boçaes;
Quando, na scena, c'roaste,
Com as palmas que ceifaste,
A pobre *Maria Paes*.

Oh! Recordemos saudosos
Um povo todo de irmãos,
Esses mancebos briosos,
Que não mentem dando as mãos;
Recordemos essa vida
De pura esp'rança, florida
Com pensamentos christãos.

Recordemos os folguedos
N'aquelle argenteo estendal;
Na ponte, nos arvoredos,
Nas esmeraldas do val;
Recordemos tudo, tudo,
Dessa cidade do estudo,
Dessa flor de Portugal.

Coimbra! Tenho amisade
Ás proprias pedras d'alli;
Amo a torre com saudade,
O sino que tanto ouvi;
Té respeito a esteril herva
Dessa escada de Minerva,
Que tantas vezes subi.

Que tempo! Que mundo aquelle!
Hoje... neste... inda ha um bem;
É quando, fugindo delle,
Uma familia se tem;
Lá, amigo, homisiados,
Uns affectos retemp'rados
Inda ao peito alegres veem.

Vamos, pois, homisiar-nos,
Já tens familia como eu,
Vamos nós ao lar sentar-nos,
A cada qual o que é seu;
O mundo tal como o vemos
Não é nosso; nós cá temos
Este outro que Deus nos deu.

E d'ahi, de vez em quando,
Mau grado ás vagas do mar,
N'uma carta, conversando,
Nos iremos encontrar;
Fica dito. E que a saudade,
Engrinaldando a amisade,
Não ha-de nunca murchar.

XI

NA ESTREIA DE UM ACTOR

Onde estou? Que sou eu? Que estandartes
Venho ousado aqui dentro abraçar?
Eis-te emfim, capitolio das artes?!
Eis-me emfim as tuas portas a entrar!?

Ai, descrido... não sei se inda creio
Que já pizam meus pés este chão,
Se era o sonho baldado que veiu!
Se era o sonho do meu coração!

Quando a mente, inda tenra, tentava
Ir do mundo correndo-me o véu,
Já ao longe, lá longe, eu cuidava
Que fulgia uma estrella no Céu.

Era a estrella das artes... e attento
Namorava-lhe o doce fulgôr;
Mas tão longe!... Depois vinha o vento
E co'as azas toldava-lhe a côr!

E co'as azas de nuvens enchia
A estrella, e o meu coração,
Até que ella de novo luzia
Com mais puro, mais lindo clarão.

Assim fui nos meus castos amores,
Assim fui sempre a estrella a seguir,
Ora longe... ora perto... e de flôres
Cria então alastrado o porvir!

Que de encantos lá quando o meu astro
Me apontava o theatro, a dizer,
Alli fallam-se os versos da Castro,
Volve alli Gil Vicente a viver!

Gil Vicente, o actor e o poeta,
Moliére, o poeta, e o actor!
É o reino do Talma, é a meta
Do antigo e moderno escriptor.

Alli surgem da Grecia e de Roma
Os gigantes do genio, e são reis,
Alli Schiller terrivel assoma,
Calderon, e Dumas lá dão leis!

É alli... é aqui... oh! Bem hajas
Meiga estrella das artes!... Se em vão
For a esp'rança d'est'hora, se a ultrajas,
Vae co'a esp'rança da vida a illusão!

A primeira, a melhor, a mais bella,
E que vae para mais não voltar!
Oh! Não seja debalde, alva estrella,
Que eu te visse no Céu despontar!

Oh! Não seja... nem vós cujo braço
Foi aos geníos um genio talvez,
Não deixeis desvalido o meu passo,
O primeiro... que eu sou portuguez!

Isto valha por mim, que mais partes
Nem eu posso, nem sei allegar...
E abre tu, capitolio das artes,
Abre as portas que eu vou... vou entrar!

XII

CANTOS VAGOS

I

Aqui; o retiro é fundo;
Minha lyra, estamos sós;
Bem sabes que lá no mundo
O mundo se ri de nós.
Conversemos pois, scismando,
Vagando sempre, vagando
Sem fim,
N'uns sons desleixados,
Incertos, truncados...
Assim.

II

Eu quero, na soidão das frescas sombras
Do *Campod'Alvalade*, onde me acoito
Fugindo ao remoinhar dessa Lisboa
Tão outra do que foi, tão mergulhada
No pego das paixões... eu quero, á tarde,
Por tapetes de relva, aqui, comtigo,
Lyra minha, esquecer-me em dôces horas
De longo devaneio. Eu quero, á noite,
Em quanto, sempre vã, a turba acode
Aos espectaculos vãos, pasmar absorto
N'esse espectaculo perennal dos astros,
N'essa invisivel rapida carreira
D'aquelle disco de prata,
Que além vae cortando o Céu;
Que estas arvores retrata
Pelo chão; que rasga o véu
Das sombras pesadas,
Alli penduradas
Com triste pallor,
Agora tremendo
E lentas morrendo
No candido alvor.

III

Do anno a casta donzella,
A primavera tão bella,
É já na terra; os sons della
Meus cantos afinarão;
Digam com estes verdores,
Este capricho das flores,
Estes ignotos amores,
Que murmura a viração.

E co'a louca mariposa,
E co'a toada saudosa,
Que em balsa fantasiosa
Solta o meigo rouxinol;
Digam c'os éccos das pontes,
Co'a voz confusa das fontes,
Co'a verde côr d'esses montes,
Co'as horas do pôr do sol.

Tão filhos da natureza
Imitem-lhe a singelleza,
Já que essa eterna belleza
Ninguem lhe póde imitar;
Presida abril aos meus versos,
Collija-me os tons dispersos
Dos vagos cantos diversos
Do meu singello cantar.

IV

Não sei que bramido, tão rouco e soturno,
Distante, indeciso, se faz ora ouvir!...
Já sei, é o longo gemido noturno,
Que o sul vem trazer-me, do mar o carpir.

O mar! Ha quem possa ir vêl-o, e ouvil-o,
Sem triste e suave secreta emoção?
Não posso, que as vagas me dizem aquillo
Que as vagas só dizem; não posso, eu não.

O mar! Pois quem sabe, quem póde, quem ha-de
Em vão recordar-se, debalde andar lá?
Aquellas campinas de tanta saudade,
Aquella saudade, que faz depois cá?

Aquelles seus êrmos aonde não póde
A planta dos homens um rasto deixar!
A grenha de escumas, que em raiva sacode!
A placida face de noute ao luar!

Os sons que se escutam de vozes estranhas,
Não sei que profundo silencio tambem;
E lumes não vistos, e trevas tamanhas,
E aquelles mysterios, que as aguas só têem!

V

Memoria, dom fatal, mas grato ás vezes,
Porque me vens trazer aos olhos intimos
Esse longo scismar,
D'essas horas que tive, quando á pôpa
De leve barco me assentava triste,
Por soidões do mar!

Na mão a face, os olhos alongados
Pelo vasto sudario, que amortalha
Deste mundo a extensão,
Que em circulo de bronze o cerca e fecha
Como eterna barreira aos homens posta
Do eterno pela mão!

Ai quando alli sósinho ao tom das ondas
Deixava como que ir sem rumo certo
O fundo cogitar,
Que prazer melancolico não tinha
Esse dubio existir d'uma alma errante
Por soidões do mar!

E do nauta a canção acalentando,
Na saudosa monotona harmonia,
Aquelles sonhos meus!
E a grita, que me acorda, e estruge o barco,
Porque ao longe surgiu um ponto escuro
Entre as aguas e os Céus;

Um ponto, que cresceu, cresceu e veiu
Desdobrar-se n'um barco, dar um socio,
Amigo a quem fallar;
Festejado successo, alma alegria,
Que só sabe quem já curtiu tristezas
Por soidões do mar!

VI

Como lembra então nessa hora,
Como a patria lembra então!
Que saudade scismadora
Que eu tinha no coração!
E o barco sempre cortando
O salso campo, e ficando

Sempre atraz, nem se avistando
Já terra, a terra natal!
Sempre longe, e a cada instante
Mais longe sempre, e deante
Só mar, e Céu... tão distante
Do Céu do meu Portugal!

Patria, patria, que doçura
É longe pensar em ti!
Ir compondo a formosura
Que os olhos deixam aqui!
Fingindo montes e prados,
Estes teus bosques copados,
Estes ares povoados
D'uns hymnos castos d'amor,
Este chão todo esmeralda,
E ou na musgosa fralda,
Ou da serra sobre a espalda
A cabana do pastor!

Teus rios, no verde manto
Fitas de prata a ferver;
Tuas aves no seu canto
Sempre ternura a dizer;
Estas noites e estes dias,
Estas varias harmonias,

E aquellas melancolias
Do sino da aldeia além;
E em cada folha uma estrella,
Quando a aurora em prantos bella
Vem ao campo, e vem com ella
Encantos, que só cá tem.

Esta bordada alcatifa
Tão felpuda e multicor,
Qual nem Sultão ou Califa,
Sonhou em ocios d'amor,
Qual não viu, não vê, não gosa
A Odalisca mais formosa
Que lh'a pediu caprichosa,
Que em vão pediu por seu mal;
Estas tardes, estas luas,
Sempre de nuvens tão nuas,
Estas bellezas só tuas,
Só tuas, meu Portugal!

VII

E já fui, já andei d'aqui bem longe!
Vaguei pela amplidão do azul dos mares,
Outros climas já vi, vi outras gentes,
Terras de eterno gelo, e calvos montes,

Onde a saudade do meu patrio ninho
As cordas todas me estalou no seio,
Da harpa do coração! Mas tenho e guardo
No livro da memoria algumas paginas
Desses dias, que eu lá contei por nuvens,
N'aquelle escuro Céu, e n'alma triste,
Paginas, que hoje aqui tem mago encanto
Relidas ao acaso, hoje, assentado
Na chão da minha terra, entre estas arvores,

Que anda a brisa folheando,
De folha em folha estudando
Uns sons mysticos d'amor,
Desse hymno geral, que encerra
Todas as vozes da terra,
Que vão aos pés do Senhor.

Aqui onde a clara lua
É, como eu, em terra sua,
E, ambos, quaes Deus nos fez;
Ella brilha, eu tenho vida,
Eu já livre; ella despida
Das nuvens do Céu inglez.

VIII

Quem viu os parkes da moderna Roma
Sem esse pasmo que a grandesa inspira?!
Este... oh! Que extensão fechada a ferros!
Que multidão! Que luxo aqui se ostenta!
Como as louras creanças pelo campo
Correm doidas atraz dos leves arcos!
Como é bella esta ponte, além o oiteiro,
Este bosque, este lago, aquelles cysnes
Desmentindo na côr antigas musas!
Como as filhas d'Albion graciosas domam
De garboso ginete a nobre raiva!
Que luzido cardume d'aureos coches
Rapidos retalhando a fulva arêa!
E aquelle gentil carro, que voltêa
Sem roçar quasi o chão, dir-se-ha que o beija
No giro tão subtil das breves rodas!
Elegante na côr, adorno e fórma
Accrescenta a vaidade aos corceis negros
Que devoram com elle o longo espaço!
E dentro... ah! Dentro...eis pára... eis salta... é sonho!

Não póde, não, ser verdade,
Os olhos dizem-m'o em vão;
Mulher tal... realidade,
Não m'o consente a razão.

Só se inda de Grecia e Roma
Alguma fonte ficou,
E occulta mão a redoma
Desta nayade quebrou.

Se alguem podesse da esphéra
Uma alva estrella arrancar!
Se podesse a primavera
Sob este Céu passear!...

E lá vae... não a perco, ao pé do lago
Pensativa e sósinha... alli sentou-se
Do copado arvoredo á debil sombra...
Quero vêl-a bem perto. Estas folhagens
Promettem de guardar todo o segredo.
Devagar... devagar... não póde vêr-me...
Oh! Mal haja esta arêa chocalheira...
Aqui por esta relva... bem... já vejo
Das vestes de setim a côr de lyrio,

Vejo no branco vén poisar-lhe as auras
E mão inda mais branca a socegal-as.
É preciso affastar estes dois ramos,
Mais... assim... eil-a agora... estatua d'anjo,
Qual nunca o escopro de Canova pôde
Do marmore arrancar, qual nem fingira
Em sonho creador seu estro ousado!

IX

Da neve mais transparente,
Mais luzente,
É seu rosto, e cóllo, e mão;
Tinge-lhe a face formosa
Linda rosa,
Em melindroso botão.

Rasgados, puros, brilhantes,
Quaes diamantes,
Côr da noite os olhos tem;
Negros, bastos, longos, bellos
Seus cabellos,
A beijar-lhe os hombros vêem.

Na curta hocca o sorriso,
Paraizo
N'um beijo promette dar;
Rubins os labios; nos dentes,
Resplendentes
As perlas do salso mar.

Delgada fragil cintura,
Formosura
Ao corpo airoso lhe dá;
Não póde haver para abraços
Iguaes braços;
Um pé mais breve não ha.

X

Abraços... beijos... que disse?
As estatuas frias são;
Não ha ninguem que sentisse
Palpitar-lhe o coração.
Bella sim, e muito, é ella
Como a flôr e como a estrella,
Linda estrella, e linda flôr;
Mas entre os gelos nascida
Falta-lhe a chamma da vida,
A viva chamma do amor.

Alli, em todas, parece
Gelado dentro o sentir;
Se tambem a alma adormece,
Trazem a alma a dormir.
Nos labios os frios beijos
Não são nuncios de desejos,
Que andem lá dentro a ferver,
Nem os braços são cadeias
D'aquelles encantos cheias,
Que aqui nos sabem prender.

Formosas são, mais formosa
Entre todas essa alli;
Mas falta o perfume á rosa,
Que ás rosas não falta aqui;
Falta-lhe em tanta belleza
Aquella meiga tristeza
Da mulher meridional;
Aquelle affecto sentido,
Sobre as feições esculpido,
Cá da terra occidental.

XI

Eil-a que um livro, c'o a vermelha fita
Ao meio dividindo, a lêr começa.
Correm-lhe os olhos vívidos, ligeiros

De linha a linha, e volve uma apoz outra
Na rapida leitura as folhas, tremulas
C'o bafejo das auras. Conhecido
Deve de ser o livro, amado ha muito;
Mais recorda que lê; ouço o murmurio
Dos labios... se podéra os sons ouvir-lhe
Bem distinctos... talvez... se ao menos visse
O titulo... par'ceu-me... *Paraizo!*...
Ai... *Milton* li agora! O bom Homero
Da britanica terra. E tu intendes
Do poeta o cantar? Sabes seguil-o
Na estranha concepção de estranhos mundos
Que elle ousa percorrer? No enthusiasmo
Dessa musa a quem ella ia pedindo
Que lhe pozesse n'alma accêzo o lume,
Que nos olhos do corpo era apagado?
Intendes, sabes; deve a natureza
Pagar-te em dons da mente o que negara
Em dons do coração, sempre os melhores
Mais bellos na mulher, mais gratos sempre.

XII

Milton, Milton, se este mundo
Foi vedado aos olhos teus,
Quantos teu genio profundo

Não creou de ignotos Céus!
As illusões desmentidas,
Tantas dores padecidas,
E d'alma as acerbas f'ridas
Abrem-te a porta ideal;
Do pobre albergue na calma,
Essa dôr do corpo e d'alma
Foi quem te colheu a palma
Do teu poema immortal.

Longos annos meditaste
Essas pasmosas canções,
E parece que as temp'raste
Da tua vida nas paixões;
Nos desgostos que tiveras,
No enthusiasmo dessas eras;
E n'essas guerras tão féras,
Nas guerras contra o poder;
Tu d'Westminster nas salas
Foste estudar essas galas
Do teu inferno, essas falas
Com que nos fazer tremer.

Foi lá que achada a energía
D'aquelle grito infernal,
O inferno armado se via

Contra o monarcha immortal;
E na crença independente,
Na louca piedade ardente,
Sem fé certa, dessa gente
Que tu viste extasiar,
Nos puritanos achado
Foi teu som illimitado,
E alli o freio quebrado
Ao fogoso imaginar.

Cego embora, as filhas liam,
Ou cantavam... e elle a ouvir,
C'o as idéas que ferviam,
Sentia a alma subir.
O seu vasto pensamento
Lá do erguido firmamento
Devassava n'um momento
O segredo á creação;
Lia no immenso universo,
No livro eterno disperso,
E c'o poder do seu verso
Tinha-o suspenso na mão.

Milton, Milton, se este mundo
Foi vedado aos olhos teus,
Pôde o teu genio profundo
Ir vêl-o d'ao pé de Deus!

Pôde as graças que não vias,
Bellesas que não sabias,
Nas trevas desses teus dias,
Pôde em tua alma compôr!...
E eu, mais cego em teu encanto,
Que não vi que ousava tanto,
Casando-te o nome ao canto,
Ao canto d'um trovador!

. . . .
. . . .
. . . .

XIII

ADEUS A LISBOA

(DESPEDIDA DE MADAME STOLTZ)

Adeus, cidade formosa,
Mais formosa que Stambul,
Com tua origem fabulosa,
Com teu Céu de puro azul;
Cinge ufana essa alva c'roa
De empinados coruchéus;
Adeus, Lisboa,
Princeza, adeus.

Princeza, porque alta gloria
Te exorna a fronte real,
Porque o mundo e porque a historia
Diz—Lisboa, Portugal;
Tu tens o nome de boa,
És a primeira entre os teus;
Adeus, Lisboa,
Princeza, adeus.

Princeza dos vastos mares
Já domados por tua mão,
C'os indianos palmares
Curvados ao teu pendão;
Tens Malaca e Diu e Goa
Entre os teus bellos trophéus;
Adeus, Lisboa,
Princeza, adeus.

Inda arde o Mouro em desejo
De ver de longe o teu sol,
Inda a saudade do Tejo
Tem no peito o Hispanhol;
Ai, saudade! Como sôa
Tal nome nos labios meus!
Adeus, Lisboa,
Lisboa, adeus.

Saudade! Que mais saudade
Que esta minha! E' pura flôr
Nascida n'alma, ó cidade,
Creada por teu amor;
Oh! Da fugitiva prôa
Bradarei inda aos teus Céus:
Adeus, Lisboa,
Lisboa, adeus.

Fica em paz, terra de encantos;
Teus filhos, que nobres são,
Hão-de acceitar em meus cantos
Este adeus da gratidão;
Se lhes devo eterna c'roa,
Os hymnos da arte são seus;
Adeus Lisboa,
Lisboa, adeus.

E se mil festas, mil palmas,
Nobre povo, sabes dar,
Dá-me n'alma muitas almas
Que todas te hei-de deixar;
Fiquem na voz, que inda vôa
Do templo da arte até Deus;
Adeus, Lisboa,
Adeus, adeus!

XIV

A FOLHA BRANCA

(N'um album)

Alva, como esta, na vida,
Uma pagina volvida
Todos a podem contar;
E é, como esta, a primeira,
Branca folha solta á beira
Das praias de ignoto mar.

Mas vem depois, vem o mundo,
Cava um abysmo profundo,
Leva aquella e outra e cem!
Lembra então que essa innocencia,
Candida flor da existencia,
Não reverdece em ninguem.

Lembra então que mais valera
Ser botão de primavera,
Que murchasse antes d'abrir;
Sente-se como saudade
De morrer n'aquella edade,
Sem passado e sem porvir.

Da vida o livro, deixado
Todo em branco, e alli fechado,
Era mais bello e melhor!
Quantas paginas lhe enchemos
Sem que depois lhe contemos
Por cada lettra uma dor?

Ah! Não desejeis, senhora,
Uma a uma ler agora
As maguas de tantos mil;
Não desejeis em cada anno,
Folha a folha, um desengano,
Ler n'este livro gentil.

Nem lisonjas, que passaram,
Nem affectos, que acabaram,
Nem esp'ranças findas já!...
Ao triste dom da memoria
Não queiraes juntar a historia,
Que os mortos animará.

Oh! Não, que tereis saudade
De quando o livro á vontade
Volvieis até ao fim!
Era todo de innocencia,
Era manhã de existencia,
Era em branco... fique assim!

XV

COIMBRA

Coimbra!... Terra de encanto,
Do Mondego alegre flor,
Venho pagar-te em meu canto
Tributo d'antigo amor;
Não m'o engeites porque é pobre,
Porque tens o canto nobre
Do cantor da linda Ignez;
Não m'o engeites desdenhosa,
Não, que esta alma saudosa
Se inflamma ao ver-te outra vez.

Sou quasi teu filho; amei-te
Da vida no alvorecer;
De Minerva o sacro leite
Por tuas mãos vim beber;
Foi nestas margens virentes
Que co'as azas incipientes
Meu estro voar tentou,
Foi aqui que me sorria
O mundo, a vida, a poesia;
Sou quasi teu filho, sou.

Andei lá por longes terras,
Tantas cidades que vi,
Outros climas, outras serras,
E ás vezes scismava em ti!
De Londres vi a grandeza,
Vi o encanto de Veneza,
De Paris a seducção;
Vi de Roma os monumentos,
E mesmo n'esses momentos
Foi fiel meu coração.

O Rheno com seus castellos,
Vienna, Milão, Berlim,
Da Suissa os Cantões bellos
Não me fallavam a mim;
Não fallavam como falas,

Coimbra, nas tuas galas
Que eu sei, que aprendi de cór,
Não diziam o que dizes
Nesse estendal de matizes,
Que tens de ti ao redor.

Se não contas tantas glorias
Quantas por lá querem ter,
És um livro de memorias
Que um portuguez sabe ler;
Eu, por mim, n'essa tua fronte,
N'essas collinas defronte,
No teu rio de crystal,
Na tua *Fonte dos amores*,
No ar, na terra, nas flores,
Leio em tudo—Portugal!

Aos que pedirem façanhas
D'audaz, guerreiro valor,
Tu as pódes dar tamanhas
Que os façam mudar de côr;
Se quizerem da cidade
Provas d'antiga lealdade
Apontas-lhe o teu Martim;
Tens sobeja, altiva gloria,
Mas não é, não é tua historia
O que só me-falla a mim.

Tudo aqui me fala, tudo,
D'esse tempo que lá vae,
Quando nas lides do estudo
Tive em cada mestre um pae;
Fala-me o sino da torre,
Com um som que nunca morre
Nos echos que a vida tem;
Falam-me os dias d'outr'ora
C'um folguedo em cada hora,
Com horas que mais não vem.

Lembram-me aquelles passeios
Lá baixo no *Salgueiral*,
Ou na *Lapa dos Esteios*,
Ou no fulgente *Areal;*
Lembram-me as idas a *Cellas*,
As suaves tardes bellas,
Passadas *da Ponte no O'*;
E quando, já n'essa edade,
No *Penedo da Saudade*
Saudades gemia só.

Nem me ficaes esquecidos,
Antigos socios de então,
Que a esses dias volvidos
Vossos nomes nome dão;
Foi vida de irmãos a nossa,

Aqui o palacio e a choça
Eram por dentro iguaes;
Crenças vivas, rosto puro,
Olhos fitos no futuro,
No amor da patria rivaes.

Esta mesma casa... oh! quantas,
Quantas lembranças me traz!
Palco amigo, tu me encantas
Co'as imagens que me dás;
Compõe-me inteiro o passado,
E d'esse viver sonhado
Deixa-me agora enganar...
Mas não... logar ao presente,
Que eil-o se ergue nobremente
Com novos loiros sem par.

Quaes fomos, sois hoje a esp'rança,
Mancebos, da patria a flor,
Do futuro segurança,
Das nossas lettras penhor;
Entre vós o rei da lyra
Bem vedes que vos inspira,
Brandindo um facho de luz,
Bem vedes o immenso brilho
Com que o nome de Castilho
Em nossas glorias reluz.

Eia, mancebos, ávante,
Vencei-nos, vencei-nos, vós;
Seja a patria triumphante,
Que é o que importa a todos nós;
Tendes crença, fogo e vida,
Tendes a alma despedida
Do lodo das vis paixões;
Levae ao mundo essa aurora,
E sobre os brazões d'out'ora
Levantae novos brazões.

Eia, pois, COIMBRA seja
Primavera do porvir,
E n'ella, mau grado á inveja,
Portugal sempre a florir;
Oh! Possa eterno este solio,
Este augusto capitolio
Das patrias lettras, brilhar,
Que eu, tomado de respeito,
Eu sempre, dentro do peito,
Hei-de seu nome guardar.

XVI

STABAT MATER

Eil-a só a Virgem languida,
Rôla viuva gemendo;
Eil-a, a mãe, nos braços tendo
O filho de infindo amor;
O filho chagado, exanime;
O filho que é luz, que é vida,
Que lhe deixa a alma partida
Na soledade da dor!

Eil-a junto á Cruz, patibulo
D'onde seu filho pendera;
Ai! Como a triste lhe dera
Mil vidas, todas d'amor!
Mas vê já aberto o tumulo,
Lá cahe a pedra tombada...
E fica mais desgraçada
Na soledade da dor!

Vinde, vós que chorais lagrimas,
Vinde, ó aflictos da terra,
O' mães, cujo peito encerra
Doces mysterios d'amor;
Vós todos de dores ásperas,
Vinde ver se ha dor mais funda
Que a desta mãe gemebunda
Na soledade da dor!

O que tem nos braços tremulos
Era o Bem, era a Virtude,
Era o Sol ao mundo rude,
Era a Vida, era o Amor;
E o mundo na cegueira impia
Deu-lhe crua morte em paga,
Por isso em pranto se alaga
Na soledade da dor!

Quem poderá, Mãe ternissima,
Tentar sequer consolar-te,
Se debalde em toda a parte
Tu buscas o Eterno Amor?
Quem pode esse quadro lugubre
Esconder-te?... Eis o sudario...
Geme do alto do Calvario
Na soledade da dor!

Mas tu podes, Flor Angelica,
Ter por fim grande conforto,
Lá sobe ao celeste porto
Triumphante o divo Amor;
Exulta comnosco estatica,
Teu filho é Deus, e as algemas
Quebrou aos homens; não gemas
Na soledade da dor.

A Cruz infamante, é fulgido
Sceptro agora e throno e solio,
E do erguido Capitolio
Abre seus braços d'amor;
Bem vês os povos em canticos
Celebrar quem os remira,
E que já ninguem suspira
Na soledade da dor.

Livres, pois, nós vimos supplices
A teus pés; cumpre o legado
Que o Filho Crucificado
Te fez ao materno amor;
Sob as azas, Pomba Candida,
Toma os filhos que ficaram,
E que comtigo choraram
Na soledade da dor!

XVII

LIVRO, A QUE VENS?

(No album d'um brazileiro)

Livro, a que vens? Que quer de mim o amigo
Que te aqui manda? Que recado é o teu?
Versos?!... Ai, livro, que vens mal comigo!
Quem me fazia os que eu já fiz... morreu!

Era a voz d'alma nos viçosos annos,
Era esse fogo que nos vem do Céu,
E fogo e voz, n'um tumultuar de enganos,
Tudo isso, ai, livro, para mim morreu.

Ias leval-os a longinquas plagas,
Honrar meu nome? Bem o sinto eu,
Mas desse nome, atravessando as vagas,
Leva a noticia de que já morreu.

Ias á terra, que é irmã da minha,
Contar-lhe a esp'rança com o affecto meu?
O affecto vive, mas o esp'rar que eu tinha
De a ver um dia, esse já morreu.

Dize-lhe ao menos, que de longe a sigo
Com puros votos no destino seu;
Que seja herdeira do esplendor antigo
Que por cá houve e que já morreu.

Estes desejos são o mais que posso
Dar-te em resposta do recado teu;
Leva-os tu, livro; e ao amigo nosso
Dize do poeta—que elle já morreu.

XVIII

A ORAÇÃO NO MAR

Ia quasi no fim um lindo dia
Do verdejante abril; eu navegava
Das costas d'Albion, da tua patria,
Em demanda da minha. Tudo á roda
Era ja Ceu e mar, a extrema terra,
As pontas das *agulhas* branqueadas,
Vigias do canal, eram de ha muito

Confundidas co'as aguas; e, profunda,
Solemne a solidão, até no rosto
Do marinheiro ousado debuxava
Não sei que melancolico reflexo
D'um intimo receio. Sobre as ondas
Tão grave e temeroso é tudo sempre,
Tão grande o seu mysterio, a sua força,
O indomito caprixo, e, na incerteza,
Tão perto e tão voraz a sepultura,
Que a vista scismadora mal se pode
Das vagas despegar, que o peito a todos
Arca mais apressado, e que saudosa
Inda a terra estrangeira acode á mente!

—

O barco era formoso até no nome,
Pois *Julia* se chamava; as brancas velas,
Desferidas de todo, entumeciam
De branda viração ao sôpro leve,
Que nas enxarcias, como em harpa eolia,
Murmurava suaves harmonias;
O mar, quasi sem rugas, baloiçava-se
Na infinita extensão tão socegado,

Que, nas ondulações de espaço a espaço,
Se crêra vêl-o a respirar dormindo;
Ao longe um sol esplendido descia
Em torrentes de purpura dourada
A levantar em fogo a argentea lhama
Das estendidas aguas, e a poeira
Rutilante que o disco lhe precede
Quando já vae no occaso; o Céu sem nuvens,
Saphira immensa abobadando este ermo,
Par'cia prometter bonança aos nautas.
Eu, na prôa assentado, tinha os olhos
Fascinados na escuma levantada,
Que o caminho da patria me ia abrindo,
E os ouvidos afagados, presos
D'uma triste monotona cantiga
Do velho marinheiro que ia ao leme.

—

Como dorido e doce era esse dubio
Indefenido estado em que vagava,
Sem consciencia delle, então minha alma!...
Havia eu visto pela vez primeira
A opulencia, o fausto, os monumentos,
A vida, o enxamear, a industria, as artes,

Da vastissima Londres, como epilogo
Da illustração d'um povo e do seu tempo;
Bem funda era a impressão; e a propria edade
Instigava a memoria a conservar-me
Innumeras imagens deslumbrantes,
E recompor-me, subito, animado
Esse montão de coisas, e de edéas
Que eu admirara alli; mas ah! Perdôa,
O' filha d'Albion, n'aquelle instante
Eram mudos os echos, e desfeitas
As sombras que cá dentro me fingiam
Quanto lá vi e ouvi... não sei ao certo
Por onde me corria embevecido
Em suave tristeza o pensamento,
Sei só que d'entre fórmas indestinctas
Me surgia acenando meiga e bella
A figura da patria... és mãe, entendes
Este culto de filho, has-de approval-o.

—

Ia assim; de repente, pela face
Sinto, de lado, sacudir-me o vento
A ponta da aza n'um ligeiro golpe,

E vejo as velas bambolear oppostas,
Encontradas, em fláccidos embates;
No horisonte distante, breve nuvem,
Esbranquiçada e rara, então descubro,
Dirigindo-se lenta a nós direita,
Em quanto que nas aguas vem correndo
Sussurrante assoprar que as arripía.
Faz-se logo no barco um reboliço
Geral na marinhagem, que se apréssa
Á voz do capitão. Porquê? Que vira?
Accaso aquella nuvem transparente
É nuncio de procella?... Era.—Ás vezes
Um pequeno signal traz grandes novas,
Geram grandes effeitos tenues causas,
Que a esp'riencia precata.—Eil-os que sobem
Estes aqui ás gaveas e seguram
Nas antenas as velas amainadas;
Erguem outros alli c'o cabrestante
As vergas ao calcez; aquelle enfia
Nos cadernaes um cabo; estoutro mette
Uma vela nos rizes, que inda fica
A vêr se o vento a soffre assim humilde;
Passam, repassam, sobem, descem, correm
Os nautas na manobra, é tudo a póstos,
E mais attento e grave, sobre todos,
O velho que nas mãos levava o leme,
Segurança esp'rançosa deste povo

Entregue ao mar e aos ventos;—qual ser deve
Mais attento que todos sempre aquelle
Que o leme das nações reger na terra.

—

Baldada previsão! Oh! De que vale,
Sem auxilio do Céu, sciencia d'homens?...
Engrossa a pouco e pouco além a nuvem
E rapida caminha; o sol sumiu-se
Ja de todo atraz della; fria e humida
Fechou-se a cerração; o vento estruge
Em furacão terrivel pelos mastros;
Ás lufadas a chuva espadanava,
N'uma lucta invejosa, á crista da agua;
Cavam-se abysmos, erguem-se montanhas
Nos mares açoitados, que, rugindo,
Escumando de raiva contra o barco,
Ora o parecem devorar n'um sôrvo,
Ora cuspil-o ao Céu, injuríados!...
Como breve se muda em tempestade
A placida bonança! Incerta vida
Que em tudo és sempre assim!...—E a cada instante
Recrudescem na furia o mar e o vento;

Varrem de pôpa a prôa quanto encontram,
Revolvendo, alagando, confundindo
Coisas e homens, nas crescentes trevas;...
Rompe-as agora do alto, e mesmo a prumo,
Pavoroso clarão, seguido logo
De rebombante horrisono estampido...
Outro... mais outro...; e em volta se cruzavam
Farpadas, igneas fitas serpejantes,
Que, listrando o negrume, esclareciam,
Fugitivas, o horror, para augmental-o;...
Vem uma serra d'agua enovellada
E rebenta de chofre, espedaçando
O mastro da mesena; outra arrebata
Metade do timão;... os marinheiros
Já não podem de pé suster-se firmes,
E ao seu posto amarrados com tres voltas
De corda na cintura, mal escapam
Ás golfadas do mar;... o barco á tôa,
Ludibrio da procella, aqui, gemia
Como sentindo as pranchas descoser-se,
Alli, d'um bordo a outro baqueava
Como perdido já!... E pouco falta!
Que o susto, o desalento avulta pallido
No rosto aos mais afoitos; que na escada
Da camara se assenta, de mim perto,
O bravo capitão, poisando a fronte
Entre as mãos, abatido...! Então mais rijo,

Mais violento um sacão da tempestade,
De medonho trovão acompanhado,
Cortando cabos, estallando vergas,
Com temeroso estrondo, aos Céus levanta
Um grito immenso da marinhagem toda!...
Ergui-me por instincto, olhei, e logo
Ajoelhado na tolda, vi comigo,
Do relampago á luz, ajoelhados
Os nautas todos, e de mãos erguidas!...

—

Meu Deus, que reges os ventos
E que pões ás ondas freio
N'um olhar,
Olhar do nauta os tormentos
Poderás sem dó, no meio
Deste mar?!

O mar! Ai! Nós nelle vemos
Tua força e magestade
Com temor;
No temor com que te crêmos
Vê tu que deves piedade
Ter, Senhor!

Senhor, a teus pés prostrados
Eis-nos todos, e rogamos
Pela Cruz;
Cruz que seja aos naufragados
Taboa, que salve os que vamos
Já sem luz.

Luz d'esp'rança es tu somente,
Mas apaga a que do raio
Tens na mão;
Na mão toma, Deus clemente,
Esta do nauta em desmaio
Oração!

—

Oh! Fervorosa a oração subia
Dos labios ciciantes, e no peito
Contricto o coração agonisava
Entre o terror e a esp'rança semi-morta!
Era augusto e terrivel!... Ver um barco,
Ao clarão da procella, c'os destroços
Assim desmarcado, assim perdido...

O mar, o Céu em furia a combatel-o...
E os poucos homens que lá dentro iam,
De joelhos, co'as mãos alevantadas,
Attestando ao seu Deus que são de barro,
Fracos, loucos sem Elle, e que não podem
Seu braço desarmar senão com preces!...
Mas eil-o desarmado... o vento abranda;
Cessa a chuva; o trovão ja se não ouve;
A pouco e pouco a cerração desfaz-se;
Começa de entrever-se o azul celeste;
E o mar, em sua cólera domado,
Como leão vencido, arqueja apenas!

—

Graças, graças, Senhor, piedoso és sempre,
Ouviste ao nauta, ao desterrado a supplica;
Doeram-te talvez tambem as vozes
De saudade e d'amor com que os chamavam,
Desta praia e d'aquella, irmãos, amigos,
Pae, ou mãe, uma esposa, ou terna amante,
Ou innocentes filhos, que não sabem
Imaginar sequer estes horrores
Do levantado mar!... Em poucas horas

Reparado o estrago, o barco á vela
Navegava sereno, e pelas aguas
Desassombrada a lua se espelhava
Com tremulo fulgor:—eu fui de novo
Assentar-me na prôa; e alli c'os mares,
C'o luar, co'a solidão scismar tristezas!

XIX

PORQUE MORRESTE?

Puro som d'harpa divina,
Perfume de etherea flor,
Luz de estrella peregrina,
Anjo candido d'amor!
Porque tão breve passaste
Na terra? Porque deixaste
Tantos affectos só teus?
Quem te chamou? Quem te furta
Assim, em vida tão curta?
Que préssa havia nos Céus?

Faltavas nas harmonias
De tantas harpas que ha lá?
Nos perfumes faltarias
Em tantos a Jehová?
Ou seria nas estrellas,
Nessa luz de milhões dellas,
Sempre fulgentes alli?
Ou nos córos, entre os anjos,
E serafins e archanjos,
Que precisassem de ti?

Ah! Na opulencia celeste
Inda faltavas!... E nós,
E os pobres que a ver vieste
Que fiquem tristes e sós!
Nas amarguras da terra,
Na noite e espinhos que encerra,
Vivamos sem flor, sem luz,
Sem um som que nos animo,
Sem ter nas fragas do crime
Um anjo que aponte a Cruz!

Se foi por seres formosa
Que Deus ao Céu te chamou,
Porque te fez assim rosa,
Porque assim cá te mandou?
Pois lá na eterna belleza

Quer-te ainda, e na pobreza
Do feio mundo só quer
Mostrar-te em breve passagem,
Mostrar-te como uma imagem
Que mal se póde entrever?!

Foi por seres innocente?
Perdôa-me então, Senhor,
Mas que eu pergunte, consente,
Que é feito do teu amor?
Queres só culpas no mundo?
Queres que ainda mais fundo
Seja o abysmo do mal?
Se nos levas a innocencia,
Quem nos ha-de á penitencia
Guiar com voz divinal?

Foi a Virgem da Capella
Que te viu linda entre mil,
E que te quiz assim bella,
No corpo e n'alma gentil?
Foi a Virgem, que na encosta
É suave esp'rança posta
Ao navegante no mar?
Foi, foi ella; namorou-te
N'aquella tarde e chamou-te
De cima do seu altar!

Ai! Virgem, Virgem sagrada,
Q'e esqueceste que eras Mãe!
Que esqueceste a maguada
Saudade que a morte tem!
Ai! Virgem, que te esqueceste
Dos prantos que ja verteste
Por um filho... e era Deus!
Deixa, pois, queixar-se agora
Quem n'estes prantos que chora
Se lembra dos prantos teus.

Deixa-os queixar, Virgem, deixa,
Que tu, Senhora, bem vês
Que é grande a razão da queixa
Porque é a alma em viuvez;
E porque tu que és bonança,
Que és ahi do nauta a esp'rança
Contra o mar, contra o tufão,
Deixaste que sem piedade
Fosse a dor em tempestade
Entrar-lhes no coração.

Oh! Mas é queixa amorosa,
São teus filhos, e a chorar
A filhinha melindrosa,
Que viste ao pés desse altar;
Dá-lhes, ao menos, conforto,

Promete-lhe o Céu por porto
Neste naufragio de dor;
Junta-os lá co'a mão divina
Á flor, á luz peregrina,
Ao anjo do seu amor.

XX

A ESCADA SANCTA

É esta, é esta do Pretorio a escada?!
Tambem, ó Roma, relicario immenso,
Esta reliquia tens?! Como que ao lado
Da tradição, da historia e da doutrina,
De que és depositaria e guarda e mestra,
Te quiz Deus pôr as provas reunidas!
Nada te falta, pois, e tudo é pouco
Para a impiedade incredula!... Quem sabe?

Venha, venha ella aqui; talvez, vencido
Mais d'algum novo Saulo, em breve suba
Os sagrados degraus, de penitente,
Qual subiu esse hebreu, que escarnecera
Do que logo depois prostrado acata!

É esta!!!... Moços e velhos,
Cada dia, enfermos, sãos,
Sobem-n'a aqui, de joelhos,
Mil peregrinos christãos;
E, deste attrito aturado,
O tyrio marmor cavado
Tivera quebrado ja,
Se com grossa lignea capa
Não fizesse a mão d'um Papa
Que erguida exista inda lá!

Existe, vi-a, subi-a
Tambem c'os joelhos meus,
E nem sei o que sentia;
Par'ceu-me a escada dos Céus!
Cada degrau me fallava,
De quando Christo a trilhava
Ou a subir ou descer;
Ora da turba accusado,
Ora a açoites condemnado,
Ora seu sangue a verter!

Junto á escada veneranda,
Cuidei vel-O eu mesmo então,
Quando levado á varanda
Foi no dia da paixão;
Eil-o sobe, lento, lento,
Como se a cada momento
Se pegasse á pedra o pé,
Como se um peso invisivel,
Mas peso immenso, terrivel,
Lhe fosse aos hombros...! Que é?

Que é, Senhor, nesta hora
Tão vagaroso subir!?
Que peso é que vos demora,
Indo a humanidade remir?
O sacrificio é precario?
Vedes já perto o Calvario?
O calix já recusaes?...
Oh! perdoae, se blasfêmo,
Mas é, Senhor, porque tremo
Se inremidos nos deixaes!

Não, não; o peso ja vejo,
Que Vos faz ir de vagar,
E, já contricto, o desejo
Sinto em mim de o minorar;
Sobre os hombros retalhados

Levais do mundo os peccados,
Os crimes de todos nós!...
Como a um Deus não pezariam,
Que pezo que não teriam,
Levados, Senhor, por Vós!?

Mas ide á turba mostrar-Vos,
Cumpra-se a ordem do Pretor;
Onde elles vão ultrajar-Vos
Poremos tropheus d'amor;
Ahi no alto dessa escada,
Ahi vereis attestada
Vossa palavra immortal,
Vossa lei, vossa memoria,
Com mil despojos de gloria
Do martyrio triumphal!

Porém volvei, que ligeiro
Corre o tempo, e a hora vem
De ir c'o pesado madeiro
Ás costas subindo alem.
Volvei, Cordeiro paciente,
Volvei, Victima innocente,
Que por Vós espera a Cruz,
E espera o mundo anhelante
Que della, ja triumphante,
Lhe brilhe perpetua luz!

Desceu a escada... caminha
Ao sacrificio... lá vae...!
Os degraus por onde vinha
Agora, ó povos, beijae;
Buscae-lhe o rasto sagrado,
O sangue ahi gotejado
Dos golpes d'acerba mão;
Vinde, homens moços e velhos,
Vinde subir de joelhos
A escada da Redempção!

XXI

VIESTE TARDE

N'um album

Vieste tarde, donzella,
C'o teu livro; por ser bella
Nem tudo podes vencer!
Que importa que me consagres
Esta folha, se ha milagres
Que so Deus pode fazer?

Na folha, folhas sem cores,
Folhas de ja mortas flores,
Queres tu? Não queiras, não!
Foi-se o viço ao ramo sêcco;
Ja não sou voz, sou um ecco;
E morreu-me o coração.

Não tens visto pelo estio
Como vae o nosso rio
Tão sumido no areal?
Não o tens visto tão pobre
Que mal a vista o descobre
Por baixo do sinceiral?

E n'outra estação não era
Um rio de força fera,
Rico d'aguas, quasi um mar,
Galgando motas e ponte,
E vindo de monte a monte
Todo esse campo alagar?

Ora dize, em qual dos dias
Ao Mondego pedirias
Que mostrasse o seu valor?
Quando se arrastra na areia,
Ou quando o trazia a cheia
Em seu completo vigor?

Porque então á voz cançada,
Á lyra já pendurada,
Vens pedir sons para ti?
Porque me vens pedir cantos
Agora, quando com prantos
Só recordo que vivi?

Oh! Devias vir mais cedo,
Quando eu tinha um canto ledo!
Viesses n'outra estação!
Mas hoje!! Ai! Que posso dar-te?
Apenas um som sem arte
Que só diz—recordação!

XXII

A NOITE DO COLISSEU

I

Era uma noite de Dezembro. Eu triste,
Saudoso da patria, andava errando
Da velha Roma nas desertas ruas.
Dormia tudo ja; fundo silencio
Envolvia a cidade; pardas sombras
Desdobravam-se informes, vagarosas,
Dos altos edeficios, penduradas

Nos frisos angulares; longe, perto,
Não ouvia mais som que os proprios passos,
Retumbando monotonos, ou fontes,
Que murmuravam rapidas; não via
Outra figura humana mais que a minha
Na estampa das paredes, ou estatuas
Nos pedestaes erguidas. Era um tumulo,
Um mausoleu immenso... onde esse povo,
Hoje herdeiro pequeno e enfraquecido
Da grandeza maior que a historia aponta,
Quando o contemplo em volta dos ingentes
Monumentos de marmore, parece
Formigueiro de vermes sobre os membros
Do gigante cadaver!... Eu vagava,
Eu só e o cogitar de intimas magoas,
Povoando a solidão, me ia perdendo
Ao acaso, sem rumo, sem destino,
Sem sequer o cuidar, ora nas praças,
Ora ao longo das ruas, ou nas margens
Do carregado Tibre. Ia alta a lua,
Cristalina e formosa em Ceu diaphano,
Como em Ceu portuguez; tive ciumes,
Pesou-me vêl-a assim em terra extranha.
E comigo a scismar, vagando sempre,
Voltando aqui, alem, ao cabo achei-me,
Não sei porque atracção de ignota força,
Ao pé do Colisseu!... Fui lá deitar-me!

II

Deitei-me sob as arcadas
Do vasto circo pagão,
Nessas arêas banhadas
Por tanto sangue christão;
Poisei a fronte abatida
N'alguma pedra, onde a vida,
Rota da garra homicida,
Foi algum martyr deixar;
Do meu leito por cortina,
Tive então nessa ruina
A tribuna cezarina,
Onde batia o luar!

Via as altas galerias,
A parte que inda se vê,
Melancolicas, sombrias,
Renque de espectros em pé;
Ja dos Patricios desertas,
Do pó do tempo cobertas,
E de espaço a espaço abertas
Da lua á pallida luz;
Via lá no centro alçado,
Via no chão retratado,
Tropheu do Crucificado,
O monumento da Cruz.

Em torno escuros se erguiam
Os degraus do espectador,
Donde os Romanos sorriam
Á morte do gladiador;
Aqui, mais perto, levava
Uma arcaria, onde escrava
Mão de escravo alimentava
As feras, guardadas lá;
Pelos seculos roçadas
Nas cimalhas recortadas,
Bravas hervas debruçadas
O Circo toucavam já.

Ninguem teve nunca um leito
Como eu tive então alli;
E tambem ninguem no peito
Sentiu nunca o que eu senti!...
Escaldavam-me as edêas,
Que eu via erguer das arêas,
De enormes phantasmas cheias,
Na lousa d'uma nação;
Era um povo enxameando,
Um povo á vida tornando,
Era uma historia fallando,
Era uma estranha visão!

Mas os tempos confundia,
E vultos, unidos só
Por força da phantasia,
Juntava n'aquelle pó.
Não sei se estava acordado
E se teria quebrado,
Qual homem embriagado,
Da rasão todo o poder;
Não sei se sonhava ao certo,
Sei que me cria desperto,
E que nesse estado incerto
Sentia em mim outro ser.

As eras ja sepultadas,
Erguidas por minhas mãos,
Sahiam d'entre as arcadas,
Surgiam n'aquelles vãos.
Ergui-me tambem, e, louco,
Sobre os sons do vento rouco
Levantando a voz um pouco,
Fui c'os mortos conversar!...
As proprias pedras fallavam,
E dos Judeus me contavam
Quando alli tristes choravam,
Escravos, a trabalhar.

Do alto, ao pé d'Augusto e Cinna,
Mario com Sylla desceu;
E Cicero e Catelina
Vem com Cezar e Pompeu;
Aqui Romulo subia,
Alem a Virgilio via,
Lucrecia alli descobria
Inda envolta em pejo e dor;
E mil pasmosas figuras,
De diversas cataduras,
Por aquellas pedras duras
Vão-se assentando ao redor.

Andei subindo e descendo,
De Fabio toquei na mão,
Com Horacio discorrendo
Ouvi a voz de Catão;
Dei á linda Octavia o braço,
Co'a mãe dos Grachos me abraço,
D'uma Vestal no regaço
Depois a fronte escondi;
Naquelle sonho ou loucura,
Adorei a formosura,
A propria desenvoltura
De mil Bachantes que eu vi.

Memoria e crença perdidas
Cá deste mundo real,
Co'as illusões accendidas,
Julguei-me quasi immortal;
Do phrenesi na impiedade,
Ligado á gentilidade,
De Venus á divindade
Votei-lhe os ritos d'amor;
Enthusiasmado e perdido,
N'aquelle mundo fugido,
Desejei ter lá vivido,
Ou fosse escravo ou senhor!..

Mas de repente cá dentro
Sinto a crença resurgir,
E do amphitheatro ao centro
Fui de joelhos cahir;
Renascia o morto lirio,
Vinha a fé, entre o delirio,
Vinha mostrar-me o martyrio
Alli mesmo a triumphar;
Beijei os degraus sagrados,
Da verdade alumiados,
E c'os braços levantados
Á Cruz me fui abraçar.

III

Voltei depois á arcada, e na penumbra
D'um pilar me assentei, nas mãos cravando
A pezada cabeça, que fervia
N'um turbilhão d'oppostos pensamentos.
Nunca tanto vivi de intima vida,
Nunca assim me abysmei no mar incerto
Do humano cogitar!... Os reis, os povos,
Inteiras gerações, a historia, a fabula,
Memorias e costumes, leis e crenças,
Fundações e ruinas, templos, circos,
Da guerra o batalhar, da paz as festas,
Livros, genios, tyranos, turba escrava,
A liberdade após, a luz do mundo,
Que rebentou do sangue em que a afogavam,
Milhões, milhões de vultos magestosos,
Tudo ante mim passava, lampejando
N'uma visão febril!... Eu arquejava,
Tinha n'alma um vulcão, e aos labios vinha
De quando em quando ciciar-me quente
Um tremulo suspiro, qual na praia
O cançado gemer d'um mar cançado!...
Cuidava-me alli só, eu só com vida
N'um phantastico mundo, e alli regia
As paginas da historia, os mortos seculos,
Da vontade a um asseno omnipotente,

E chamava-me Rei!... Eis sinto ao longe,
Por baixo da arcaria, lá ao fundo
A arêa estridular, como calcada
Por vagarosos pés... quebrou-me o encanto
Aquelle unico som, nas tão profundas
Mudez e solidão que me cercavam!
E mais perto, e mais perto, e ja destincto
Percebo o caminhar... e logo assomam
D'homem e de mulher, um do outro ao lado,
Dois vultos conversando... fui sumir-me
Por de traz do pilar, cosido á pedra,
E tendo a vista attenta, attento o ouvido,
Um gesto, uma palavra não perdia...
Oh! Que vi e que ouvi!... Se inda era sonho?
Se seria inda a febre delirante
Do louco imaginar que me enganava?

IV

Serão estatuas baixadas
Do marmoreo pedestal,
De occulta mão animadas
Neste paiz edeal?
Será porventura Apollo,

Que a esta hora visita o solo,
Onde foi outrora um Deus?
Será Venus seductora,
Que venha na terra agora
Dar-lhe no amor outros Céus?

Serão sombras, que, fugidas
Das moradas sepulcraes,
Vem das vidas ja vividas
Recordar antigos ais?
Será Tarquinio inda cego,
Que, da noite no socego,
Vem saciar a paixão?
Será inda a esposa amante,
Que, c'o seio gotejante,
Lhe vem negar o perdão?

Será Pyramo, sedento
D'aquelle amor que perdeu,
Quando errado pensamento
Soletrou no roto veu?
Será de Thisbe a ternura,
Que, depois da sepultura,
N'um beijo vem reviver?
Ou reaes ou fabulosos,
Quem sois, ó vultos formosos,
Que vos pôde aqui trazer?

Formosos, sim... dava em chapa
D'ambos na face o luar;
Elle envolto em negra capa,
Ella um chale a sobraçar;
Os longos cabellos della,
Cahidos na face bella,
Realçam-lhe a pallidez,
Lustrosos na tinta escura
Eram divina moldura
Do seu rosto á nivea tez.

Os olhos, vivos, de fogo,
Tambem negros a luzir,
Ora fitos, ora logo
Dos olhos delle a fugir,
Eram dois astros brilhantes,
Escondidos por instantes
Em que se atiça o fulgor;
Na curta boca aninhava
Um sorriso que matava,
Que endoudecia d'amor.

A mão, nitida de neve,
Que mais linda nunca a vi,
C'os dedos longos, mas breve,
Sem luva mostrava alli;
A figura era elevada,

E a cintura delicada
Fazia-a quasi vergar;
Perfumava esta magia
Não sei que melancolia,
Em torno della a adejar.

Do mancebo sobre a testa,
N'uma linha transversal,
Lia-se a historia funesta
D'aquella tocha fatal,
D'aquella tocha, que a vida,
Queimada de interna lida,
Faz a taes homens doer;
D'aquelle sopro do Eterno,
Que as paixões fazem inferno,
E nellas o peito a arder!

Tinha trigueiro o semblante,
Barba negra, firme olhar,
A's vezes tão penetrante
Como estilete a varar;
Não era d'alta estatura,
Mas tinha nobre figura
D'elegante destincção;
No largo peito par'cia
Que palpitar se lhe via
Tambem nobre coração.

Oh! Não são sombras fugidas
Das moradas sepulcraes,
Nem são estatuas descidas
De cima dos pedestaes;
Não são, não, tem vida tudo,
É drama a que assisto mudo,
Eterno drama do amor;
É esse viver d'amantes,
São esses prantos constantes
Das almas regando a flor!...

V

Não longe eram da Cruz; ambos parados,
Olhos presos no chão, dir-se-hia andar-lhes
Lá dentro um tumultuar, que não ousavam
Elles mesmos romper, callavam-se ambos.
É que no coração do homem, ás vezes,
Tão caudal se despenha o sentimento,
Que na terra não ha lingua que possa
Traduzil-o em palavras. O mancebo

Passava e repassava a mão convulsa
Pelo escuro bigode... após levou-a
N'um gesto desesp'rado a um seixo solto
E longe o despediu, como se a edêa
Importuna que n'alma lhe pesava
Despedisse com elle; sibilando
Cortou a pedra o ar, e contra um arco
Retenindo bateu; nisto, a donzella,
C'um ligeiro tremor quasi invisivel,
Acordada talvez, ergueu os olhos,
E proseguiu a interrompida lucta.

VI

—Tenho medo, meu amigo,
Trouxeste-me aqui comtigo,
Quizeste que fosse aqui,
E tudo aqui me apavora,
E contra os sustos desta hora
Nem refugio encontro em ti!

Deixemos estes logares,
E deixa tu teus pezares,
Deixa esse teu vão descrer;
Amo-te, sim, doidamente,
Quero, sim, eternamente,
Só do teu amor viver...

—Como finge! E que tormento
Não poder-lhe ao fingimento
Só frio despreso oppor!
Que dizes tu? Que me amas?
Tu, que nunca em ti as chammas
Sentiste de ardente amor?!

—O' meu Deus! Que homem este!
Já tantas provas tiveste,
Ja tantas!...—Que ingratidão!
Não conhecer que este peito,
Aos brincos d'amor affeito,
Encobre acceso vulcão!

Escuta, escuta, Maria,
Quiz-te aqui trazer um dia,
Ao logar do solio teu;
Sobe alem... soltem-se as feras,
Nova festa destas eras
No já christão Colisseu!

No teu Circo me encerraste,
Quizeste ver, ja gosaste,
Ja um nome uniste aos mais;
Mas gosa esta noite ainda,
Gosa, rainha, da infinda
Harmonia dos meus ais.

Tambem aqui um tyrano
Fazia do sangue humano
Um pretexto para rir;
Tambem um povo de escravos
Soltou aqui ja mil bravos,
Vae tu agora applaudir.

Deu-me provas!—Dei, de certo!...
—E ousas a rosto aberto
Inda em taes provas fallar?
Tu que dessas mesmas provas
Inventas maneiras novas
Do coração me esmagar?!

Foi teu beijo promettido?
Ah! Se eu podera, cuspido
Aos pés t'o calcára já.
Um beijo! O primeiro della,
Essa prova, convertel-a
Neste fel que eu tenho cá!

Foi outro engano, foi meio
De n'um curto devaneío
Meus zêlos emmudecer;
Foi nova traça, orgulhosa,
Com que quizeste, vaidosa,
Exp'rimentar teu poder!

E eu que desse teu beijo
Tinha, em férvido desejo,
Andado o encanto a compor!
Era um Ceu d'alma delicia,
Dos anjos doce caricia,
Era um abysmo d'amor!

Trocaste o encanto sonhado
Por um beijo descuidado,
Um beijo... que disse? Não;
Por uma afronta o trocaste,
Quando a face me roçaste
C'os labios fugindo então!

Afronta, sim, quasi preço
Da traição, que não mereço,
Que não merece ninguem!...
Mas na Cruz que ahi se arvora,
Ao que lá pendeu outr'ora,
Um beijo o vendeu tambem!

VII

Aqui parou um pouco; e pela face
Correu ligeiro a mão, como apagando
Os vestigios do beijo. Envergonhada
A donzella, talvez, não sei, uns passos
Vacillantes andou, co'as mãos cobrindo
O rosto de marfim, e foi deixar-se
Da Cruz sobre os degraus cahir sentada.
Elle olhou-a e seguiu-a. Em pé, ao lado,
Cruzando os braços sobre o amplo peito,
Triste e quasi feroz a contemplava.
Foram breves instantes. Fez um gesto
Com que ia acompanhar mais cruel queixa,
Mas suspenso ficou... uma voz d'homem
Descantava lá fóra. O canto sempre
Brota espontaneo em bocca italiana,
Como na arvore brota a flor em Maio;
E é vida tambem; os descendentes
Dos que o mundo nas mãos tremer fizeram
Vivem cantando, em diversões do mundo!
O Romano cantava... e que voz tinha
Tão linda, tão suave, e pura e meiga,
Temp'rada para amores! Era senha,

Ajustado signal talvez co'a amante,
Como é d'uzo na Italia. Oh! Mago effeito
De tal voz, a tal hora, alli, cortando
D'uma scena d'amor o fio incerto.

VIII

Vem, minha doce donzella,
Vem-me esta noite encantar,
Que não ha melhor estrella
Nem me encanta este luar;
Tem mais mimosos fulgores
Os olhos dos meus amores.

Não me importa da collina
Ver o manto a branquejar
Co'a melindrosa bonina
Que m'a não faz invejar;
Tem mais melindrosas flores
O seio dos meus amores.

Não me importa que se esconda
Linda perola no mar,
Nem o coral pela onda
Seus ramos a bracejar;
Tem outras joias melhores
A boca dos meus amores.

Vem, pois, ó virgem de encanto,
Vem-me este fogo apagar,
Escuta a voz do meu canto,
E teu coração me vem dar,
Que nem Ceu, nem mar, nem flores
Não valem, não, teus amores.

IX

Feliz, feliz de ti!... Disse o mancebo
Quando ouviu expirar as mellodias
Do namorado canto. E no impulso
D'uma edca brutal, que acerba colhe,
Sem vir do coração e á mingoa delle,
Essa rapida posse dos sentidos,
Frenetico tomou nas mãos a fronte
Da formosa Maria e devorou-lhe
Uma a uma as feições com beijos loucos:

A face, a bocca, os olhos, os cabellos,
Vôa destes às mãos, das mãos ao seio,
Do seio outra vez volve ao rosto lindo,
E nos braços a toma, como tigre
Que a victima preou... mas de repente
Dos braços solta a languida donzella,
E aos pés lhe ajoelhou, co'as mãos erguidas!..

X

—Perdôa, Maria; grosseiros amores
São vis aos meus olhos, doçuras não tem;
Não devo nem quero ceifar-te essas flores
D'amor invejadas, se d'alma não vem.

Perdôa, Maria; quizera beber-te,
Fartar esta sede, meus sonhos fartar;
Perdido e sem tino quizéra poder-te
Em sofregos beijos comigo abysmar.

Mas longe os prazeres mercados co'a magoa
Da duvida negra, d'um negro descrer;
Prefiro-lhe os prantos, prefiro-lhe esta agoa
Ja sôro delgado d'um vão padecer.

Mas longe os prazeres d'um fogo sem chamma
De dentro soprada por labios d'amor,
Não arde, não queima, não mata, e derrama
Uns pallidos raios d'um sol sem calor.

E eu desses não quero..! Mas doida comigo,
Fervendo-te o peito, fervendo em cachão,
Desfeita em ternura, quisera comtigo
No inferno lançar-me, perdendo a rasão.

Ser só teu brinquedo, andar no teu jogo,
Servir-te ao capricho, fazer-te sorrir,
E tu lá do alto c'os olhos de fogo
Na arena mirando se eu sei bem cahir;

Soltar-te o meu *ave*, no chão, moribundo,
Qual Cezar ouvira tambem aqui ja,
Não posso, não posso, que a amor tão profundo,
Ou tudo, Maria, ou nada, vê lá!...

XI

—Mas eu tudo, tudo quero,
Anjo, filho, escuta bem,
Se não es um novo Nero
Rasgando entranhas da mãe;
Tudo, sim, tenho-t'o dicto

De viva voz, por escripto...
—Que importa? Tudo illusão,
Co'a bocca, co'a mão só lavras
Enganos, nem com palavras
Se paga o meu coração.

—Palavras só! Mas que queres?
Sou tua, tu tens me aqui,
Comtigo, se tu quizeres,
Eu quero morrer por ti.
Um crime entre nós ergido
Traz este amor mal nascido,
Mas quero réproba ser...
—Meu Deus, meu Deus, ella mente,
E eu não posso infelizmente
Odear esta mulher!

E tenho medo d'ouvil-a,
De me deixar seduzir
Dessa voz, que, sem trahil-a,
Tão meiga sabe fingir!...
—Não finjo, não, eu t'o juro,
Por esta Cruz te conjuro
Que uma vez crêas em mim;
De Scevola no brazeiro,
Queimarei meu braço inteiro,
Se me acreditas assim.

—Tu! Ai, tu, que triste morte
D'um triste te exorna ja,
E que, rindo-lhe da sorte,
Na campa te assentas lá;
Tu, Mário destas ruinas,
Deste imperio, onde imaginas
D'ossadas um throno alçar;
Tu, ai, tu inda assim ousas
Tirar exemplos das lousas,
E vir a Cruz insultar?!

Das-me a ventura de centos?
Das-me um logar entre mil?
Da grimpa incerta c'os ventos
Queres ver-me amante vil?
Oh! Não, não!—Ingrato, ingrato,
Não vês que o proprio recato
Com vir aqui te entreguei?
De mãe, de irmãos deslembrada,
Por tua voz fascinada,
Não vês que tudo immolei?

—Mas quero amor sem partilha,
Quero ser amado só,
Quero amor que não humilha,
Como esse, que é brinco ou dó;
Inda hontem, n'um certo ensejo,

Te vi acenar c'um beijo
No baile a um desses rivaes,
E vir depois com socego,
Innocente, ver se eu cego
De tal não dava signaes!...

—É falso, é falso...—Maria,
Não negues, que eu tudo vi;
Faze, emfim, minha alegria,
Ou que me esqueça de ti;
Amor franco, amor sincero,
Nem outro peço, nem quero,
Amor cego, amor fatal,
Amor que o fogo retrate,
Amor que talvez nos mate,
Mas em si mesmo immortal!...

—Pois sim, meu amigo, espera,
Hei-de amar-te, amar-te assim,
É tarde... mas eu quizera...
Olha agora para mim...
Nem p'rigos, nem nada vejo,
Dize-me tudo n'um beijo...
E outro... e outro... mais cem...
Assim, assim, deixa ver-te...
—Maria, tu vaes perder-te,
E vaes perder-me tambem!

XII

A lua ja baixava no horizonte,
E, toldada por nuvens, era lampada
De ephemero clarão;
Ja manto espesso de pezadas sombras
No velho Colisseu em pregas vinha
Das cimalhas ao chão.

Dos vultos, das arcadas as imagens,
Mal impressas na arêa, ja se erguiam
Em phantasmas d'horror;
E vi, como ave presa, inda o mancebo
Debater-se nos doces beijos della,
Que protestava amor.

Vi-o ainda duvidar teimoso,
E não sei porque occulta sympathia
Com elle duvidei;
É que nas linhas dessa fronte d'anjo,
De Maria na fronte, incertas lettras
Tambem eu soletrei.

Toldou-se tudo emfim... senti-lhe os passos
Como partindo ja; do lado opposto
Outros passos correr;
Andei tambem um pouco... então no rosto
Batem-me as pontas humidas voando
De trança de mulher!...

Ouvi depois clamar n'uma voz tremula
De indizivel angustia—*filha, filha,*
Ó Maria, onde estás?...
Um braço vi tambem de ferro em punho,
Que nas trevas luziu, passou, correndo
Logo tambem atraz!...

Alem, alem mais longe, onde os amantes
Julguei ver caminhar, senti uns brados
D'horrivel confusão...
Breve silencio... e um gemido rouco
D'homem morto a punhal... e um corpo exanime,
Que baqueou no chão!...

XIII

Nenhum rumor, por leve, ja se ouvia
Dentro da negra mole; eu tinha os membros
Gelados de torpor; e uma voz d'alma
A tantas commoções pedia treguas,
Porque o homem não tem, e por fortuna,
De pedra o coração! Maldisse a Italia
Que do ferro covarde e do veneno
Usa livre inda agora, como em tempos
De barbaros costumes! Colhe os fructos
Da semente fatal, que hoje das trevas
Dos antros soterraneos vem no erro,
Na escravidão, no crime, na impia vida
Anoitecendo tudo, como outr'ora
Vinha a luz, vinha o dia, a liberdade,
Esplendendo na Cruz das catacumbas,
Regenerar o mundo! Fui buscando
Com vacillantes passos a sahida
Por entre a escuridão... d'alli os olhos
Ao int'rior voltei.... Jesus!... Que vista!...

XIV

Como do chão levantados
Vejo em torno ajoelhadós,
Vejo os Martyres trajados
Com vestes de rubra cor,
Mas abertas onde as f'ridas,
De sangue outrora tingidas,
Brilhavam hoje, accendidas
De transparente fulgor.

Tambem de raios fulgentes,
De carbunculos ardentes,
Cingiam-lhe as graves frentes
Aureolas de luz do Ceu;
Entre elles vi diff'rençadas
Creio que as Virgens, c'roadas
D'igneas rosas, e adornadas
Com solto candido veu.

Na sestra mão lhes rutila,
A todos, chama tranquilla
De tochas, que não vacilla
Co'as lufadas do aquilão;

Teem a dextra sobre o peito,
E curvando-se em respeito,
Olhavam depois direito
Ao signal da Redempção.

Desde o chão á galeria
Por sobre ós degraus se erguia
Turba immensa, que luzia
Banhada em luz, e de pé!
Prophetas, Bispos, Doutores,
Pontifices, Confessores,
Santas, da Fé lindas flores,
Santos, soldados da Fé.

Da Egreja antigos Jerarchas
Levitas e Patriarchas,
E Vassallos e Monarchas,
Um povo de povos cem;
Era um campo de virtude,
Radiante na juventude,
Radiante na senectude,
Na tenra infancia tambem.

D'entre as janellas voando,
As columnas abraçando,
Ou nas cornijas pousando,
Ou dellas junto a pairar,

Andava a cohorte alada,
Nivea cohorte sagrada,
Dos Anjos, co'a aza esmaltada
De prata e ouro a brilhar!

Eu nem respiro, nem penso!...
E ouço este povo immenso
Fazer da voz um incenso,
Incenso puro d'amor;
Em nunca ouvida harmonia,
Em celleste melodia,
O *Ave Crux* lá subia
Do chôro aos pés do Senhor!

XV

A luz de dentro se mistura agora
Co'a luz externa dos rasgados vãos,
Que já surgindo no oriente a aurora
O veu levanta co'as rosadas mãos.

E' d'este mixto luminoso e vivido
O quadro ingente illuminado alli,
E delle em meio, já cadaver livido,
O morto amante, que jazendo vi!

Mimosa virgem, compassiva e bella,
D'essa belleza que nos Ceus só ha,
Mimosa virgem, apiedada estrella,
Eis d'entre os Martyres erguida lá.

Ergueu se e corre, n'um veloz momento,
Junto ao cadaver do mancebo alem,
E sem que possa adivinhar-lhe o intento,
Toma-o nas mãos, e ajoelhado o tem.

Não sei que força, que virtude explica
Tanto poder d'aquellas mãos, foi fé;
Solta o cadaver e o cadaver fica
Por si seguro, ajoelhado ao pé.

Torna depois, e perturbando o canto,
Mostra aos irmãos o desgraçado irmão,
Rogai, lhes diz, e ella sobe em pranto
Da Cruz aos pés a supplicar perdão.

Offerece o sangue da rasgada entranha
Que entre alegrias derramou christã,
Quando alli mesmo, na crueza estranha,
Foi pasto ás féras, diversão pagã.

Offerece-o todo no resgate da alma
Desse que a vida no amor perdeu,
Porque ella um dia acreditou na palma
Dessa illusão, que lhe desfez o Ceu.

Amou trahida, suspirou d'amores,
E a vida e tudo perderia assim,
Se a voz da Graça, do martyrio as flores
Não na viessem soccorrer por fim.

Talvez o Eterno lhe escutasse a prece...
Quem sabe! Do alto já se espraia a luz;
Já o sol na arcada esplendendo desce
Em raios vivos, e apegou-se á Cruz.

D'ella no tôpo levantada chamma,
Jorro de luz arremeçado ao ar,
Ou era o sol, que como louro a enrama,
Ou sol do mundo devo a Cruz julgar.

Oh! Sim, é o astro, do Calvario a estrella,
Que o mundo em roda allumiado tem;
É do perdão o simulacro, é della
Que o dia, a esp'rança só á terra vem!

Tinha-a fitado; mas depois á roda
Avidos olhos outra vez lancei...
Mas ai!... Desfez-se aquella vista toda,
Nenhum dos vultos, nem o morto achei!

Das mil figuras ja não resta a imagem,
Como apagada essa visão la vae,
Qual um retrato de gentil paisagem
N'um lago em rugas se uma pedra cahe!

XVI

Parti então, meditando
Naquelle sonho ou visão;
Em casa o somno buscando,

O somno busquei em vão,
Que tudo de quando em quando
Vinha á mente e ao coração.

Não sei que pense inda agora
De quanto lá me appar'ceu;
Mas ao ver no Ceu a aurora,
Ao ver a lua no Ceu,
Logo me lembra aquella hora
Da noite do Colisseu!

XXIII

O LEQUE DE SANDALO

Vem, vem, minha filha, abraça-me;
Aos meus joelhos sobe... assim;
Olha fita para mim,
Une ao meu teu rosto candido,
E dá-me beijos sem fim.

Oh! Como em teus olhos limpidos
Veceja a innocencia em flor;
Como em teu riso d'amor
Se ri toda essa alma placida
Sem saber inda o que é dor!

Ai, filha, filha, remoças-me,
Reverdeço todo em ti;
Mas do mundo tenho aqui,
Aqui dentro, as ondas turbidas,
Revolvendo o que senti!

Possas tu, já co'a mão tremula,
Dos annos, não de temor,
Volver, sem magua ou rubor,
Do teu livro as brancas paginas,
Tendo na alma a mesma cor.

O teu anjo agora em jubilo,
Quando te vê a dormir,
Dorme ao teu lado a sorrir;
Por não ter ainda pavido
De velar e de carpir!

Escuta, escuta, de sandalo
Tens lindo leque na mão,
E tens nelle uma lição,
Que deves para sempre avida
Gravar em teu coração.

O sandalo, filha, é arvore
Que quando em terra caiu,
Deixa ao machado que a f'riu,
Deixa a tudo o cheiro vivido
Dos perfumes que nutriu.

Possas tu ser como o sandalo
Ao cair ante o Senhor,
Ja volvidas sem rubor
Do teu livro as brancas paginas
Tendo na alma a mesma cor.

XXIV

N'UMA RECITA DO COLLEGIO DE S. SEBASTIÃO

Aqui, meus amigos, crianças briosas,
Viemos juntar-nos, deixando o prazer
Do meigo regaço das mães carinhosas,
Por sermos famintos do pão do saber.

E aqui repartido, n'um farto banquete,
Nos é cada dia, com próvida mão,
Mão tal que inda o gosto lhe apura em sainete,
Sabendo a nós todos prender a affeição.

Não é só contente, não é, de guiar-nos,
Alçando nas trevas seu facho de luz;
Faz mais, pois que o alça com mostras d'amar-nos,
Par'cendo que a filhos somente conduz.

Faz mais, pois que sabe, nas maguas da infancia,
Lá quando as saudades da casa nos vem,
Dar mesmo ás saudades não sei que fragrancia,
Que a mão que as desfolha recende tambem.

Faz mais, pois que ao grave das lettras estudo
Allia os prazeres, mas desses que são,
Como este da scena, se é licita em tudo,
Remedios ao ocio, estudo e lição.

E temos, amigos, aqui outro guia,
Que inda é, porque é Santo, um guia melhor;
E temos mais vivo farol, que allumia,
No Santo que temos por bom protector.

Se fora na vida, d'audazes soldados,
De Roma nos tempos, audaz capitão,
Ágora commanda dos Ceus estrellados
Imberbes recrutas d'um povo christão.

Assim como andara levando á victoria
As bravas cohortes que o Cezar lhe deu,
Aos louros do estudo, das lettras á gloria,
Tambem levar ha de o alumno que é seu.

Porém qual quizera de chefe romano
Passar a soldado e martyr da Cruz,
Devemos do mundo, aos brilhos do engano,
Pref'rir os que do alto nos vem d'alta luz.

Na terra o primeiro, no Ceu o segundo,
Com estes dois chefes, ávante, ó irmãos,
Marchemos á vida, saiamos ao mundo,
Co'a espada das lettras, e a Cruz dos christãos.

XXV

DESOITO DE NOVEMBRO

(Commemoração)

Faz hoje um anno que, na flor da vida,
Tombaste á terra, desbotada flor!
E inda é um sonho para nós, querida,
De que somente nos acorda a dor!

Faz hoje um anno! E essa dor parece
Que em cada dia se profunda mais!
Como é saudade, com a ausencia cresce;
Como é dor d'alma não lhe bastam ais.

Dos ais se nutre, da lembrança vive,
A mesma sempre, e a retratar-te aqui,
E a amar a imagem que essa magua avive
Em tudo quanto nos fallar de ti.

Ai! Falla tudo; e mais que tudo falla
Aquelle amor, aquelle amor só teu;
Porque no campo, no jardim, na salla,
Quando te busca tem de olhar o Ceu!

Mas esse affecto se te busca n'alma
N'alma te encontra, rediviva flor;
Embora saiba que já tens a palma
No Ceu como anjo, tem-te cá na dor!

XXVI

NA CAPELLA SIXTINA

Oh! Que vista pavorosa!
Que vista para o christão!
Deus! Senhor! Na mão piedosa
Toma um triste coração.
Ai, toma-o na mão direita,
E o temor e a dor lhe acceita
Sem das culpas te lembrar.
Senhor! Senhor! Essa vista
Confunde, aterra, contrista,
Mas deixa que eu possa esp'rar!

Esp'rança! Não sei, não posso
Senão chorar e temer!
Membro a membro, osso a osso
Sinto-me alli reviver;
Sinto teu sôpro divino
Outra vez como em menino
Accender no barro a luz;
Mas agora o meu passado
Trago nos hombros, cançado,
Ao tribunal dessa Cruz!

Que pezo! O' Deus!... Da batalha
Sinto n'alma a cicatriz,
Quando me cahe a mortalha,
Que era o veu do que lá fiz!
Agora, Senhor, vejo o mundo
Todo em silencio profundo
Aqui a ouvir-me ao redor;
Vejo abertos teus registros,
Vejo promptos teus ministros,
Vejo-te a ti julgador!

Que vista!... No centro della
O Christo avultar se vê,
E melancolica e bella
A santa Virgem ao pé;
Logo á volta o apostolado,

E deste e daquelle lado
Mil outros Santos estão;
No alto uns Anjos se elevam
Que em triumpho nas mãos levam
Os tormentos da Paixão!

Aqui, outros Anjos chamam
Os mortos, o mau e o bom;
Aos quatro ventos derramam
Da trombeta o agudo som;
O som que espanta o universo,
Que reune o pó disperso,
Que acorda o ferreo dormir,
Que espedaça as sepulturas,
E as temerosas figuras
Lhes faz de dentro surgir!

Ah! Vede aqui em baixo aquelle
Triste esqueleto!... Acordou...
Toma a carne, veste a pelle,
Lá vae ao som que o chamou!
Vede estoutro... o corpo a meio
Tem inda dentro do seio
Da terra fria onde jaz;
Lucta, esforça-se, mas sente
Que da terra o occulto dente
Inda o segura voraz!

Mais alem, ja resurgidos
Outros vão cortando o ar;
Mas, Senhor quantos perdidos,
Quantos salvos vão ficar?...
Grande Deus! Esta incerteza
Faz essa hora de tristeza
Mesmo ao justo, faz, Senhor,
Porque o justo, antes da palma,
Tambem ouve dentro d'alma
A voz que diz peccador!

E lá sobem os eleitos
Cada qual c'um anjo seu,
Que os vae levando direitos
Pela mão até ao Ceu;
Do outro lado em desespero
Horrivel combate fero
Vem dos ares a cahir;
São os tristes comdemnados
Luctando, mas arrastados
Por demonios, a sorrir!

Senhor! Senhor! Por piedade,
Em vez de juiz, sê pae,
Em vez de nossa maldade,
Olha o terror com que vae;
Olha o effeito dessa vista,

Que me confunde e contrista,
Que as culpas me faz lembrar;
Toma esta alma na direita,
Seja-te a dor bem acceita,
Que é d'um Deus o perdoar!

—

Oh! Como é de luz divina
Essa pintura immortal,
Que na Capella Sixtina
Nos mostra o Juizo final!
Miguel Angelo! Do artista
Que me importam, nessa vista,
Aquelles rasgos só teus?
O que eu vi nesse momento
Foi subir-me o pensamento
A prostrar-se aos pés de Deus!

XXVII

A FLOR E O LAGO

Era uma vez um cristalino lago
E delle á beira debruçada flôr ;
Que linda flôr de namorado afago !
Que lago aquelle de encantado amor !

Ella mirava-se estampada n'agua,
Elle entranhava a retratada flôr ;
Ella por dar-se, nem sonhava magua,
Elle por têl-a, só sonhava amor.

Nem folha solta, nem travêssa aragem,
Toldando o lago, balouçando a flôr,
Nada alli vinha desfazer a imagem,
Quebrar o espelho, perturbar o amor.

Assim viviam; mas foi breve o espaço,
Que um vento rijo despegara a flor,
E sobre o lago, que par'cia d'aço,
Ergueu-lhe as vagas de baldado amor.

Ai! Vida minha, cristalino lago,
Ai! Tu, que lhe eras debruçada flor,
De vós só resta, em namorado afago,
Doce memoria de encantado amor!

XXVIII

OFFENDER-ME?!

Offender-me porque vinheis
Honrar-me em ser meu leitor?!
Porque tal edea tinheis?
Quem tal vol-a deu, Senhor?
De mim, não, não vos foi ella,
Não me accusa de mer'cel-a
A consciencia jamais;
De vós? Não devo, não creio;
E se aos ouvidos vos veiu,
Foi um falso engano mais.

Só de longe vos conheço,
Vós nem de longe talvez ;
Mas eu a distancia meço
De cortezão a cortez.
Que importam campos diversos?
Ah! Senhor, lêde os meus versos
Que nelles mesmos vereis
Como o que amo do peito
Tambem catar-vos respeito
Me manda nas suas leis.

Ser fiel á crença nobre
Que inda no berço bebi,
Sem renegar porque é pobre
Quem nella a amar aprendi;
Olhar das coisas o aspecto
Do alto d'aquelle affecto
A' luz da minha rasão;
Pode ser talvez engano,
Mas nem á moral faz damno,
Nem pode ser crime, não.

O mais, Senhor, inimigo
Sou das coisas, não de vós ;
E os deste lado comigo
Somos assim todos nós ;
Nem culpa, sequer, vos pômos,

Porque, emfim, do que hoje sômos
Não veiu de vós o mal ;
Entre nós só ha tal grito
Nos que aos filhos do Proscripto
Lhes poem culpa original.

Guardando, pois, sempre pura,
Sempre n'alma a minha fé,
Não tomo a vossa leitura
Senão por honra, como é;
Eu, escriptor, se não minto,
Se digo franco o que sinto,
Sem desgostar-vos temer,
Faço o que devo; e vós lendo,
Já o agro sabor prevendo,
Só por mercê pode ser.

XXIX

NA MORTE D'UM POETA

Viram, um dia, que fechava languidos
Os olhos baços, de apagada luz;
Viram de roda algumas tochas funebres,
Um ataude, um sacerdote, e a Cruz.

Viram depois sobre o cadaver livido
Tombar a campa no benzido chão,
E em tristes olhos as sentidas lagrimas
De quem chorava o já perdido irmão.

Então disseram: não nos resta duvida,
E' morto, é morto!... Mas erguida voz
Se ouviu bradar, como protesto energico:
Ide, meus versos, respondei-lhes vós.

XXX

SPES UNICA!

Bella e triste, eil-a sentada
Sosinha aos pés dessa Cruz!
Inda tão moça, coitada,
E já se cança da estrada,
Que no principio seduz!

Mas que foi? As raras flores
Viu-as subito mudar
Em bastas urzes, e as côres
Dos esp'rançosos verdores
Entrarem a negrejar!

Trazia risos, e as penas
Saíram delles a mil,
E cada vez mais pequenas
As alvoradas serenas
Do seu phantastico abril?

Amou, e achou-se trahida?
Tinha uma mãe que perdeu?
Ou filhinha estremecida,
Que mal esvoaçou na vida
Logo fugiu para o céu?

Será peior do que maguas?
Trará remorsos?... Talvez!
Quer ver se lhe apaga as fraguas,
Do pranto co'as doces aguas,
Que nascem da Cruz aos pés!

Pobre mulher! E que importa
Qual é o pezo com que vens,
Se tu vens, e te conforta
Poisal-o ahi, que outra porta
Por toda a estrada não tens?!

Ias cançada?—Descança;
Annoiteceu-te?—Eis a luz;
Naufragavas?—Tens bonança;
E' essa a unica esp'rança
De ti e do mundo, a Cruz!

——

XXXI

AO PRINCIPE

Eis teu mestre!... Immensa divida
Vaes agora contrahir;
E um dia, Real Discipulo,
Ha-de exigir-t'a o porvir!
Que então a patria recolha
O fructo da sabia escolha
Do augusto Progenitor; —
Qual já te obriga a nobreza,
Qual te obriga a realeza,
Obriga-te o preceptor.

A elle, a ti, ao pae, á patria
Paga inteira a obrigação;
Cedemos-t'o, joven Principe,
Só com essa condição!
Repara como chorosos
Nos deixa a todos saudosos,
Na viuvez que as almas têem...
É que elle, a todos, comsigo
Nos leva o irmão, o amigo,
O mestre, a todos, tambem!

Ha-de alumiar-te o espirito
Co'a viva luz do saber,
Mas tens em sua alma esplendida
Melhor livro em que aprender;
Que nella a tua alma estude,
Nesse espelho de virtude,
Nessa heroica rigidez!
É inda mais que um romano,
Mais que o gabado espartano,
É antigo portuguez.

Olha como vae solicito
Onde o dever o chamou;
A tantos affectos supplices
Resiste, e responde—vou!
Nem o berço que tivera,

Nem o clima que o espera,
Nem a voz do coração;
Nada o detem na estrada,
Nem a vida quebrantada,
Nem a incerteza do pão!

As honras dos tempos prosperos,
Nos paços de teus avós,
Onde estão? Por premio o exilio
Lhe dás e lhe damos nós!
Mas podes tu no futuro
Ainda premio seguro
Dar-nos a todos aqui;
E' mostrar-te ao mundo absorto
No naufragio illustre porto,
Digno do mestre e de ti.

São tuas virtudes inclitas
Que devem honrar-lhe as cans;
Honra-o tu co'a tua gloria
Que as outras honras são vans.
O que elle te quer somente,
Quando a fronte já pendente
No sepulcro repousar,
E' que em ti cá fique escripto,
Sejas Monarcha ou proscripto,
Que tu mereces reinar.

Paga assim o sacrificio
Que te faz o patrio amor;
Oh! Transforma cada lagrima
Um dia em risonha flôr!
E pois que elle sabe mudo
Por ti abandonar tudo,
Sem olhar atraz sequer,
Deixa que a lyra consagre
O que hoje é quasi milagre,
Este exemplo do dever.

Se o não grava sobre o marmore
Ponta d'agudo sinzel,
Grava-o talvez na memoria,
Mais fundo, uma voz fiel;
E esse dever que inspira
O louvor á minha lyra,
Que não sabe adulação,
O dever por norma e palma,
Fique gravado em tua alma
Como primeira lição!

— —

XXXII

N'UM LIVRO INTIMO

Amigo, o teu livro só d'intima historia,
D'affectos suaves do teu coração,
Sem galas mentidas d'ephemera gloria,
Na folha que off'rece off'rece affeição.

Não é desses livros d'aberto mercado,
Mendigos de nomes, vaidade e não mais;
Não é vão registro, sepulcro dourado,
Vazio por dentro d'affectos reaes.

O teu, se o folheio, se attento o contemplo
Em tres se resumem as folhas que tem,
Esposá e familia no mystico templo
São numes, e entre elles amigos tambem.

Nos outros a vista debalde procura
A folha sincera; não ha, não se vê;
Gravar-lhes um nome que diga alma pura
Alli é castigo, mas n'este é mercê.

Mercê que recebo, que préso, que espero
Nem tempo ou distancia me faça esquecer,
Um vento d'outomno não haja, não quero
Que possa esta folha jamais desprender.

São raras as flores que tens cultivadas
No teu, por pequeno, formoso jardim,
Mas cuido que a *rosa* consente brotadas
Ao pé do seu vaso saudades por mim.

Ai! Guarda-as! E embora ja seja uma gloria
Entrar neste livro, dá-me inda um logar
Nas folhas do livro chamado memoria,
E d'onde o meu nome ninguem vá riscar.

—

XXXIII

EU VIVO SÓ DO PASSADO

Gose uma a uma as doçuras,
Gose do mundo o prazer,
Quem n'elle tiver venturas,
Quem no presente viver;
Se é feliz afague a vida,
Se a tem de flores florida
Viva e folgue... o tempo é seu;
As horas são-lhe propicias,
Durma, acorde entre caricias,
Conte os dias por delicias,
Que os não posso contar eu.

Alimente-se d'esp'ranças
Quem no futuro inda crê,
Quem da sorte nas mudanças
Inda um sorriso prevê;
Sonhe embora luz distante
Quem inda um sonho brilhante
Póde n'alma acalentar;
Creia, e gose desse sonho,
Que eu nesse encanto risonho
Nenhuma fé hoje ponho,
Nem posso o sonho sonhar.

O meu dia é mais escuro:
Nem sonhos, nem luz, nem flor!
Sem presente e sem futuro,
Olho ao longe a antiga cor;
O po disperso levanto
Do que foi, do que amei tanto,
D'uns dias que ja la vão;
Nas ruinas assentado,
Eu vivo so do passado,
E é d'esse po levantado
Que sustento o coração.

Ai! Triste, que triste coisa
Viver assim...! Pois não é?
Lidar sempre n'uma loisa
Pondo um cadaver de pe!
Mas tem prazer, na verdade,
Este culto da saudade,
Tem prazer por entre o fel;
Se a turba lh'o não descobre,
Se o julga esteril e pobre,
E' tributo d'alma nobre,
Desint'ressado e fiel.

Nem so se ama o que inda vive!
Quando a lembrança ficou,
N'ella o amor sobrevive
Ao encanto que acabou;
Passa ás vezes n'um momento
A ventura, e o pensamento
Surge melhor Prometheo;
Illumina as mortas cores,
Finge viço ás murchas flores,
Empresta vida aos amores,
Faz do nada um novo Ceu.

Recompondo o que passara
Engana o desejo assim,
Gosa so do que gosara
N'aquelle engano sem fim,
N'aquelle mundo d'outr'ora,
N'aquella candida aurora,
Que ao peito deu vida ja;
Na imagem nada lhe esquece,
Pinta tudo que indoidece,
E tão real me parece
Que hesito se inda será!

Vivo assim—do pranto e riso,
Do que eu gosei e soffri,
Do inferno, do paraiso
Em que eu contente vivi;
Vivo só de recordar-me,
Que mais não pôde deixar-me
O mundo, o tempo, a rasão!
Depois da fria verdade,
Em perpetua soledade
Cultivo a flor da saudade
Cultivo-a no coração.

É vida que tem tristeza,
Mas tem doçuras tambem,
Do passado a natureza
Não muda, ao menos, ninguem;
O que foi, lá jaz qual fôra,
E eu posso a cada hora
Evocal-o em fructo e flor!
Doce, amargo, e feio, e bello
Enche-me d'alma o anhello,
Vive so por meu disvello,
E eu vivo so deste amor!

——

XXXIV

UM VOTO

—Foi voto, Padre?—Foi duplice
Voto, da rede e do amor;
Lembrou-se no p'rigo supplice
Da Virgem o pescador,
E a Virgem valeu-lhe a ponto.
—Contais-nos o caso?—Conto.

Era por inverno frigido,
Noite negra, negro Ceu;
O vento silvava rigido
Pela crista do escarceu,
E o escarceu com furia brava
Em flor então rebentava.

No barco só elle, e avido
Ja a terra a demandar,
Mas o tufão vinha rabido
Pôl-o sempre mais ao mar;
Luctava, espreitava o corso,
Depois de um esforço outro esforço.

Crescente, pesada, humida
Se fechava a cerração;
A escuma da vaga tumida
Só listrava a escuridão,
Porque visse que não via
Senão as trevas em que ia.

E o triste a lidar acerrimo,
Sempre a remar e a reger;
Ao do temporal asperrimo
Oppunha todo o seu ser;
Mas o mar, que irado freme,
N'um sacão, leva-lhe o leme!

Tinha os remos, tinha valida
Inda a força, e mais talvez,
Que sentiu na face pallida,
Accender-se a pallidez,
Ao sôpro da raiva logo,
Em vivas chamas de fogo!

Mettia agoa o barco, e gela-se
Que em vão acode co'a pá!...
Oh! Se o vissem... arrepela-se,
Morde as mãos, blasfema já...
E a sumir-se... e o barco á roda...
E a fugir-lhe a esp'rança toda!

Podia nadar... mas tumulo
Era-lhe a terra por fim
Sem barco e redes... o cumulo
Da desventura era assim!
E viu a mulher, que é bella,
C'os filhos em volta della!

Deixa então cahir das flaccidas
Mãos os remos... e rezou...
Nem vento, nem aguas placidas
Pediu na reza... invocou
Do mar a estrella, e dizia:
Tu és mãe, Virgem Maria!...

Foi ver a bonança e vividas
Logo as estrellas brilhar,
E as sombras fugirem lividas
De sobre as aguas do mar!
Então fez da rede o voto,
E ser da Virgem devoto.

Por isso ahi nesse duplice
Voto da rede e do amor,
Vedes ja contente e supplice
O pobre do pescador
Honrar da Virgem a gloria;
É esta a singella historia.

XXXV

HONTEM E HOJE

Hontem eras na roseira
Lindo, mimoso botão;
Da tua manhã primeira
Namorava-te o clarão;
Na tua noite estrellada
Dormias sempre embalada
Nas azas da viração.

Viço, esp'rança, luz, folhagem,
Tudo era vida ao redor,
As borboletas, a aragem,
Tudo te dizia amor;
E vida, amor ignoravas
Que apenas desabrochavas,
Que inda eras botão de flor.

Vinhas da haste d'uma rosa,
Que ao ver-te desabrochar,
Não se fartava, ditosa,
De te ver e de te amar,
Com esse amor peregrino
De mãe, que é quasi divino,
E que é no mundo sem par.

Hoje estás a flor ja feita,
Completou-se esse teu ser,
Abriste em rosa perfeita,
Mais galas não podes ter;
Vida, esp'rança, amor ainda
Nas folhas da rosa linda
Tudo se vê recender.

Mas na haste uns botões te vejo
Que vem rompendo a sorrir,
E ja nelles teu desejo
Se começa a resumir;
Ai, rosa, a manhã primeira,
Que tiveste na roseira,
Agora é só do porvir.

E não vejo aquella rosa,
Que em botão te estremeceu,
Desfolhou... e tu, chorosa,
Na magoa que isso te deu,
Já vês que a noite estrellada
Vem depois anuviada
Por lei eterna do Ceu!

XXXVI

VINTE E SEIS D'OUTUBRO

Não fende os ares o foguete estridulo;
Nem o repique de cem torres, não;
Nem sôa o viva popular unisono;
Nem ja ribomba o festival canhão!

Naus, fortalezas, tudo é silencio;
Dispersa a côrte, não se vê ninguem;
Nem ja tremola essa bandeira limpida,
Que d'antes vimos tremolar alem!

Galas d'outrora transformou-as subito
Contraria sorte em luctuoso veu;
Alegres cantos nos mudou em lagrimas,
Com que hoje andamos apiedando o Ceu!

Não, não podemos c'os antigos jubilos
Encher-te o dia de esplendor real;
Jaz mudo, triste, saudoso, pavido,
O Reino todo; mas inda é leal.

Por entre as magoas inda temos férvido
Dentro do peito perennal amor;
Em vez de festas, de lisonjas avidas,
Aqui o pômos a teus pés, Senhor!

XXXVII

O REGRESSO DO NAUTA

Sê bem vindo, abraça-nos...
Tu tardavas tanto
Que receoso pranto
Nos corria já;
Sê bem vindo, as lagrimas
Tem doçura agora,
E ninguem já chora
De tristeza cá.

Mas embora o jubilo
Nos rebente d'alma,
Suspirada palma
Deste amor por ti,
Inda vem a magoa
Que esfolhava a esp'rança,
Na cruel lembrança
Reviver aqui.

Que tristeza lugubre
Nos toldava a mente!
Que anciar pungente
Por te ver tardar!
E c'os olhos ávidos
Ás longiquas plagas,
Das revoltas vagas
A pedir-te ao mar!

De saudade placida
Ja não eram flores,
Que inda tem nas dores
Doce mel tambem;
Era o susto indomito,
De inquieto e louco,
E que pouco a pouco
Opprimindo vem.

Esse mar em furia
E contrarios ventos
Para nós tormentos
Foram cá sem fim;
Encadeavam-se asperos
Procellosos dias...
Como tu virias
Lá no mar assim!

Cada qual solicito
Só fazia estudo
De esconder em tudo
Sua dor aos mais;
Mas a mãe ja pallida
C'o fatal receio,
Não lhe soffre o seio
Soffocar os ais.

Ja te via livido,
Com os membros lassos,
Com a morte a braços,
Em esforços vãos;
E ao filho naufrago
Na extensão maldicta,
E ao Ceu aflicta,
Estendia as mãos.

Todos nós andavamos
Inventando provas
E buscando novas,
Sem saber de nós;
Té que emfim de subito,
Nesta tarde bella,
Do teu barco a vella
Branquejou á foz.

Sê bem vindo, abraça-nos...
E ouve agora o canto
Que por entre o pranto
Te estudámos cá;
Sê bem vindo, as lagrimas
Tem doçura agora,
Ninguem hoje chora
De tristeza ja.

XXXVIII

LEMBRAS-TE?

Lembras-te?... Repara em tudo,
Que tudo vês como então...
O mesmo socego mudo
Reinava na solidão;
Da lua o doce clarão
A mesma asinheira brava
Nestas aguas retratava.

Era esta hora... não bulia
Nenhuma folha no ar,
Como agora, nem se via
Naquella serra, ao luar,
Senão sosinha alvejar
A mesma pobre casinha,
Que alli alveja sosinha.

Bem vês a mesma aveleira
No mesmo sitio, bem vês
Aqui a mesma roseira,
A mesma relva a teus pés;
E só rompe esta mudez,
Como então, de quando em quando,
O rouxinol suspirando.

Tu eras ahi sentada,
Nessa pedra em que ora estás,
Co'a face á mão encostada,
Um pouco inclinada atraz,
Qual te vejo... eu... bem rapaz,
Em pé, aqui, deste lado,
Contemplava-te calado.

Viste então sahir a prumo
Da casa da serra alem
Um tenue ligeiro fumo,
Como agora sahe tambem,
E foste-o seguindo bem
Té que de todo perdido
No Ceu te ficou sumido.

Nada disseste... pensavas...
O que pensavas não sei,
Mas já talvez advinhavas
Da terra a funesta lei...
O fumo que então gozei,
Que tu gosas-te... a ventura
Da terra que pouco dura.

Bem, vês... nada aqui mudara,
Tudo o mesmo, como então,
Arvores, Ceu, agua clara,
Doce lua, a solidão...
Só temos no coração
Outra vida... outros cuidados...
Só nós estamos mudados!

XXXIX

A MR. HERRMANN

As maravilhas fallazes
Da tua *magica* mão
Não valem as que tu fazes
Com teu nobre coração.

Naquellas, a mão que illude
Finge só que transformou;
Nestas, realmente a virtude
Transforma os males que achou.

Muda em risos a tristeza,
Muda em prazeres a dor,
E os gemidos da pobreza
Em doces bençãos d'amor.

Essa virtude, engenhosa
Mais que a tua destra mão,
Do rico uma hora ociosa
Ao pobre converte-a em pão.

E nunca és tão *feiticeiro*
Como quando assim tu vens,
Com talisman verdadeiro,
Mudar os males em bens!

Por taes *feitiços* acceita
Esta c'rôa em galardão;
Vê que a flor que mais a enfeita
É a flor da gratidão.

Que a pobreza agradecida
Pede a Deus nos votos seus,
Te seja esta convertida
Em c'rôa de luz nos Ceus.

— —

XL

O NATAL EM ROMA

I

Vae a tarde expirando; a luz desmaia
Nas roxeadas orlas do horisonte;
O reflexo purpureo, que esmaltava
As vidraças do templo, pouco a pouco
Empallidece; as pardas sombras descem
Lentas, pegando-se aos marmoreos muros;

Depois, ennegrecidas, já se enrolam
Nas altivas columnas; já inundam
As fundas arcarias; toldam tudo;
Somem aqui mosaicos dos altares,
Alli vultos de Santos, lá ao longe
Mudam estatuas e transformam tumulos,
Povoando a escuridão de mil phantasmas:
Tinha baixado a noite, derramando
Ondas de trevas pelas amplas naves;
Simulacro da luz, somente exhalam
Tibio clarão as lampadas douradas,
Como frouxas scintillam as estrellas
De escurecido Ceu; era profundo
O silencio nessa hora; nem ao menos
Em prece fervorosa se sentia
D'alguns labios o tremulo susurro.
Completa solidão, ermo solemne!

II

Correu o tempo, avisinhou-se a hora;
Eis começa o rumor; vão-se accendendo
A mil e mil na vastidão do templo

Vivos, fulgentes lumes, que disputam
A opulencia ao dia; sobe rapido
Contra as pilastras o clarão radioso,
As fugitivas trevas expellindo;
Voltam as cores pela luz trazidas
Aos primorosos quadros; os relevos
Vem rompendo outra vez da dura pedra;
Anjos e Santos, Cherubins, Virtudes
Avultam novamente, e nos sepulcros
As figuras, ha pouco esvaecidas,
Retomam seu logar; as vozes do orgão
Já preludiam graves harmonias
Aos canticos sagrados; povo immenso,
De cem povos diversos, ou se apinha
Ou se espalha impaciente, e conta as horas,
Alonga a vista, alvoroçado anceia,
Curioso e devoto, a meia noite.

III

Soou essa hora em fim... lá vem, lá entra
O magestoso prestito!... Que vista!...
Que belleza symbolica nos faustos

Da Catholica Egreja!... Brilha a purpura;
Alvejam crespos, candidos rochetes;
Aurifulgentes sedas arrastadas
Misturam seu fulgor c'os vivos raios
Do oiro e pedrarias; sobre a prata
Espelham-se do altar fervendo as flammas;
O estandarte da Cruz em hastea longa
Vem erguido nas mãos do crucif'rario;
Leva o triregno augusto um bussolante;
Outros nevadas plumas; os maceiros
Trazem ao hombro as maças reluzentes;
Os caudatarios as brilhantes mythras;
Vem os Cantores, Monsenhores, Conegos;
Dos varios ritos Arcebispos, Bispos;
Todo o Sacro Collegio; ao cabo... é Elle!...
O Pontifice-Rei!... Sublime aspecto!...
Como Deus imprimiu n'aquella fronte
Profundo sello de immortaes destinos!

IV

Que grandeza e poder em ti resumes,
Ó Vigario de Christo! Milhões de homens

De tua bocca pendem; tu imperas
D'um ponto a outro na extensão da terra!
Cede a força, a paixão, a intelligencia
Curvadas ao teu jugo, porque exprimes
Universal vontade, porque encerras
N'essa augusta cabeça veneranda
Dos homens a rasão, associada
Á razão do seu Deus! Missão suprema,
Que te illumina o barro quebradiço,
Que as submissas nações aos pés te prostra,
Que ao Ceu te sobe a descerrar-lhe as portas,
Forçando o Eterno quasi a obedecer-te!
Ó Vigario de Christo, ó Rei-Pontifice,
Que grandeza e poder em ti resumes!

V

Pela cupula ingente já reboam
Os sons da sacra musica festiva;
Já as vozes do côro os ares enchem
De suave harmonia; já se eleva
Em rôlos puro incenso recendente;
Sobe ao altar o Papa;... ajoelhemos;

Começa agora o Sacrificio Santo!...
Nunca foi immolada a Augusta Victima
Por mais augustas mãos! Celebra a Egreja,
Co'a mais alta expressão dos seus mysterios,
Co'as pompas todas do seu bello culto,
Hoje o Natal sagrado, a esp'rada vinda
Do Redemptor do mundo!... Lá entôa
O Sacerdote Summo o canto angelico:
Gloria a Deus nas alturas,
Paz aos homens na terra!
Foi, pois, a boa nova, a luz, a esp'rança
Annunciada emfim!... Hoje a repetem
Apoz desoito seculos, n'esta hora,
Mil sacerdotes a milhões de crentes!
Oh! Mas aqui, aqui é que a alma sente
Arrebatar-se subito, abysmar-se
No mistico poder d'essa verdade!
Aqui, n'este esplendor, tem já na terra
Um antegosto do esplendor celeste!

VI

Se podesse rasgar-se o veu dos seculos,
Afastarem-se as nevoas do passado,

E da Roma pagã chegando aos tempos,
Ver-lhe hoje o mundo o seu viver d'outrora!...
As gerações modernas fugiriam,
Todas, todas, christãs, agradecidas,
Com pavoroso espanto, indo acolher-se
Á protectora sombra do Calvario!
N'este mesmo logar se levantavam
Jardins e Circo do terrivel Nero!
Que torpes, cruas scenas estes ares
Não veriam então horrorisados!...
Oh! Correram aqui ondas de sangue!
Aqui milhares de christãos, seguindo
A loucura da Cruz, testemunharam
De Jesus Christo a fé, deixando as vidas
Nos impios ferros do algoz c'roado!...
E a loucura venceu, e a Cruz alçou-se
Triumphante aqui mesmo, e as frias cinzas
Das innocentes victimas, o mundo
Venera ajoelhado!... E já não restam
Do Circo, dos Jardins, do cruel Nero,
Nem ruinas, nem cinzas, nem sepulcro;
Só memoria execrada! E d'aqui voam
Ás alturas do Ceu, em doces canticos,
Em perfumes suaves, os louvores
Aos martyres da Cruz, á Cruz sagrada!

VII

Mas o côro emmudece; vem descendo
Já do altar o Pontifice; expiraram
As derradeiras notas sonorosas
Do orgão, pelos vãos do immenso templo;
Desapparece, qual visão extincta,
O préstito pomposo; sahe o povo;
Vão-se apagando os lumes; e das lampadas
Esmorece o clarão; voltam as trevas;
Mudez e solidão!... Eis rompe o dia...
Vem dubia a luz ainda, pelos vidros
Coada brandamente; deixa apenas
Tintas de mortecôr por onde roça;
Mais clara já depois dá lustro á pedra;
Afila os angulos; recorta os arcos;
As Capellas afunda, colorindo
Todo o edificio d'arreboes purpureos;
Até que jorra em fim como em torrentes,
Illuminando tudo... mas que importa?
Ah! Foram-se co'a noite os sons, as galas,
Os perfumes, as luzes, os mysterios,
E saudoso o christão medita agora
Na que a noite lhe deu eterna esperança!...

XLI

BUARCOS

Já o sol descora; já fagueira brisa
Sacode a calma com as azas humidas,
Que roçou no mar;
Vamos agora pela praia lisa,
Do ardor intenso deste dia torrido,
Vamos respirar.

Que linda vista que d'aqui se alcança!
Que extensão d'agoas, reflectindo limpidas
O celeste azul!
E a curva margem, sempre ao nauta esp'rança,
Aqui parece dar-lhe seio placido,
Onde quebra o sul.

Talvez lhe velem pela paz das ondas
Esses dois Fortes, sentinellas rigidas,
Que ahi o homem poz;
Talvez, Oceano, de impotente, escondas
Aqui, gemendo, essa braveza tumida,
Algemado á foz.

Graciosa a Villa pela breve encosta
Arquêa os braços; mais alem descobre-se,
Como grata flor
Ao navegante lá de industria posta,
Da Santa Virgem a Capella alvissima,
Que é conforto á dor.

Oh! Quantas vezes na amplidão dos mares,
Por entre o horror de tempestade indomita
D'atra cerração,
C'os olhos longos atravez dos ares
A busca e encontra o pescador em ancias,
Na afflicta oração!

Oh! Quantas vezes desta praia imploram
Do mar a Estrella, contra o tempo naufrago
Sobre um barco alem,
Mães aterradas, que em desmaio choram
Atè do alto lhes luzir propicia,
Porque é Mãe tambem!

D'acolá surge uma apoz outra a linha
D'outeiros verdes, qual barreira duplice
Levantada ao mar,
E ao mar dizendo, que furioso vinha,
D'ahi não passas, ruge embora rabido,
Não has de passar!

Este, porém, como que vae sedento,
Cercando a praia té na foz, de subito,
Ajoelhar, beber;
Raros pinheiros no seu dorso areento
Apenas ousam, d'entre sarças aridas,
Vegetar, crescer.

Da curva ao meio, na arenosa falda,
Arma seu ninho de madeira tenue
Pobre pescador;
Aqui se dobra, ou arrastando á espalda
Do mar os fructos, ou vertendo lagrimas
D'esteril suor.

Olha, querida, minhas filhas, vede
Que duro afan! Com que trabalho improbo
Se ahi ganha o pão!
Homens, mulheres, tudo puxa a rede,
Crianças, velhos, quaes formigas providas,
No carreiro vão.

Se o pezo grande já de longe inculca
Grande abundancia na redada gravida,
Então é bradar;
Então a turba mais veloz já sulca
A areia, e canta da victoria sofrega,
Que arrancou ao mar.

Eil-a porfim, eil a negreja tesa
A' borda, em chamas de ferventes perolas,
Que lhe a agoa faz;
Ai! Pobre gente! Para vós riqueza,
Aquelle monte palpitante, lucido,
Alli dentro traz!

Ás vezes, quando a pescaria foge
Do saco á manga, logo alguns impavidos
Rompem quasi nus
De encontro ás ondas, como vedes hoje,
Batendo-as rijo, porque volte, unindo-se
Á que alem reluz.

Depois ja estes suspendidas trazem
De enchalavares as espheras rutilas,
Dardejando alli;
Outros, aos lotes pela praia as fazem,
Leilão abrindo, e a rapazía lepida
Corre e furta aqui.

Mas ah! Se chega da saltante prata
Vazia a rede, que tristeza lugubre
Por ahi não vae!
D'entre o silencio só a voz desatada
Um que pragueja ou bôa velha tremula,
Que murmura am ai!

Alem, a gente em reboliço desce
A' beira d'agoa e se apinhôa rapida
Ante os barcos lá;
Sae a companha o reboliço cresce,
E em torno d'elles, ou na margem fulgida
Tudo é lida já.

Quaes grossos lemes, quaes os altos mastros
Trazem nos hombros; as mulheres validas
Logo lançam mão
Umas dos remos, a tirar de rastros,
Outras das cordas, e das redes serdidas,
Que lavar já vão.

No mar as volvem, e levantam alto
Então as saias, ajudando assiduas
Um marido ou pae;
Mas nisto, ás vezes, vem da onda o salto,
E saltam rindo, rindo mais se pavida
Qualquer d'ellas cae

Sobem depois, sobre a muralha as tendem
Co' as leves boias, e suspensas deixam-nas
Oscillando ao ar;
Tambem lá mesmo enfilleirado estendem
Aberto peixe, que ao sol anda fétido
Té se alli curar.

São estes hoje nos mavorcios muros,
São os guerreiros e os canhões mortiferos,
Que esta Villa tem;
Se fosse indicio de costumes puros,
Se vida fosse este signal pacifico,
Fôra isto um bem!

Mas sae dos barcos grosso peixe e em montes
Na areia jáz; vamos lá ver.... eis livido
Se levanta o mar...
E as vagas trazem nas iradas frontes,
Buscando a terra, solta a trança espumea,
Que se vê voar!

A noite desce e a desdobrar começa,
Por mar e terra, de vapor densissimo
Um pesado veu;
Gritos!... Que é isto?... Falta um barco!... A' press
Lá corre tudo... e n'um impulso ingenuo
Tudo implora o ceu!

C'os olhos fitos nas raivosas vagas
Esposas, filhas, mães, irmãs, attonitas,
Estendendo as mãos,
Em prantos loucos, em terriveis pragas,
Esposos chamam com balladas supplicas,
Paes, filhos, irmãos.

Por entre serras d'alvejante escuma
O barco viram... n'esse instante a angustia
Afrouxara os ais;
Mas some-o logo na cerrada bruma
Cavado abysmo, então a dor nas miseras
Lh'os redobra mais.

Esta co'as unhas fere o rosto bello,
Aquella o corpo em contorsão frenetica
Rola pelo chão;
Algumas carpem o tenaz cabello,
Outras correndo, na sua impia furia,
Blasfemando vão.

E a Villa toda se ennovela em susto
Sobre as muralhas, onde um velho nautico
Com a mão no ar,
E co'a exp'riencia ja ganhada a custo,
Explica á turba como o barco incolume
Poderá chegar.

Remando forte, diz o velho experto,
As portas entra, deve entrar, sem duvida,
Ajudando os Ceus;
Vem ante as ondas que o perseguem perto
Mas entra... ouviu-se um grito longo, unisono...
Louvores a Deus!

É salvo o barco!... Vamos nós agora,
Deixando o entregue aos ruidosos jubilos
Desses corações,
Vamos a casa que é chegada a hora,
E não esqueçam esta lida asperrima
Nossas orações.

XLII

QUE SAUDADES!

Eramos ambos pequenos,
N'aquelles dias serenos,
N'aquella doce manhã
Do alvorecer da existencia,
N'esse tempo de innocencia,
Não te lembras, minha irmã?
A nossa casa sorria...
Que vida alli se vivia!

Fui vêl-a agora... que enganos,
Felizes d'alma, c'os annos
Na casa desfeitos vão !
Quasi tudo que buscava,
Quasi tudo lá faltava
Ao pobre do coração!...
E a casa ja não sorria,
Que saudades que fazia!

Nem pae, nem mãe... que me fôra
Qual canto de ave na aurora,
Que mal se ouvira, voou;
Qual visão suave e linda,
Que eu julgava então infinda,
Mas que tão breve passou!
E a casa já não sorria,
Que saudades que fazia!

Nem tu tambem, que o carinho
Deixaste do nosso ninho,
Como eu, mais cedo, deixei;
Nem tu, que foste a primeira
15

De meus annos companheira,
Nem lá tambem te encontrei!
E a casa ja não sorria,
Que saudades que fazia!

Das nossas velhas antigas,
D'aquellas velhas amigas
Que nos tinham tanto amor,
Nem uma só!... Nem memoria
Das noites de tanta historia
Da Maria Leonor!
E a casa já não sorria,
Que saudades que fazia!

Os outros irmãos, coitados,
Lá eram ambos, quebrados
Do tempo e vida... como eu;
Com sentimento profundo
Nenhum via o mesmo mundo,
Que fôra d'elles e meu;
E a casa ja não sorria,
Que saudades que fazia!

Ella em si a mesma inda era,
Mas talvez porque eu crescera
Mais pequena em tudo a vi;
Nem sequer a grande sala,
Nem tão grande fui achal-a
Como quando lá corri;
E a casa ja não sorria,
Que saudades que fazia!

Ouvi de repente o sino
Que tinha ouvido em menino,
Que me fazia scismar;
Par'ceu-me o som bem diff'rente,
Como tambem vinha á mente
Bem diff'rente cogitar;
E a casa ja não sorria,
Que saudades que fazia!

Fui depois ver á janella
A casinha, que alli della,
Bem sabes, fronteira está,
Que era do pobre sinceiro...

Vi a mulher ao soalheiro,
O marido é morto ja.
E a casa ja não sorria,
Que saudades que fazia!

Oh! Como foram pequenos
Aquelles dias serenos,
Aquella doce manhã
Do alvorecer da existencia!
Esse tempo de innocencia
Que sonho foi, minha irmã!
A casa então nos sorria,
Hoje saudades fazia!

XLII

NA MORTE DO PROSCRIPTO

I

Succumbiste por fim!... Senhor, prostrou-te a morte
Ja cançada de ver na lucta o esforço vão
Com que te quiz prostrar teimosa adversa sorte,
Que de bronze te achou! Succumbiste!... Mas não!
Nem ella o pôde só; valeu-se da saudade
A espicaçar-te o peito... encheu a tua edade!

Era muito! Eras homem! Esse manso abutre
Que só lagrimas bebe, que respira os ais,
E que da carne só do coração se nutre,
Foi-te comendo a vida; não podeste mais!
Tal vae por dentro o verme pelo tronco annoso.
E cae depois em terra o cedro magestoso!

Tu caíste como elle! Mas levou trinta annos
A tempestade em furia á volta da raiz;
Porque o Ceu poz em ti destinos mais que humanos,
Porque tua alma grande era alma d'um paiz,
Porque da cruz do exilio nos viesse exemplo
E a mesma dura pena se eregisse em templo!

Como estatua talhada de marmore tyrio,
O mundo te admirou no firme pedestal;
Té que emfim, ó Rei martyr, viu Deus teu martyrio
E da c'roa caída forjou-te a immortal!
Oh! Vae, tens no alto agora perennal a gloria,
E tens já sobre a terra imparcial a historia!

Despojou-te da purpura, arrancou-te o sceptro
O furacão politico, mas tu em pé,
Como d'um Reino morto luminoso espectro,
Sem vacillar um dia em tua nobre fé,
Reconquistaste o sceptro, refizeste o manto,
No universal respeito, no geral espanto!

Filho, neto de Reis, foste Rei, mas na fronte
Que diadema te fulge? Qual tem mais valor?
Hoje os povos absortos, da campa defronte,
No fulgor que tu deste ao diadema da dor,
Dizem—Rei desthronado, dorme em paz teu somno,
Que na memoria eterna tens eterno throno!

Vem depois um rumor de folhas sybilinas,
Que inda soa mais alto d'entre o cyprestal,
Novo oraculo traça, já de leis ferinas
Quer a mancha extinguir que obumbra Portugal;
Já, desfazendo o antigo vaticinio escuro,
Leva em pranto teu nome aos echos do futuro!

Mas nessas vozes todas uma voz que aterra
C'o pungido gemer se eleva e fere os Ceus,
Rompe do coração desta orfanada terra,
Do consternado amor de tantos filhos teus;
E se amarga saudade te matou lá fora,
Aqui doce saudade te revive agora!

II

Ai! Quando a acção electrica
O fio percorreu,
E disparou de subito
A nova—El-Rei morreu!

Como aturdida a Patria,
Que te crêra immortal,
Julgou quasi blasphemia
Essa nova fatal!

«Elle morrer! O tumulo
«Lá no desterro assim!
«E meus affectos vívidos
«Baldados cá por fim!

«Morrer! Sem eu solícita
«Nos braços o cingir!
«Sem lhe jurar no Principe
«A estrella do porvir!

«Sem preparar-lhe tremula
«Em sete palmos meus,
«Suave porta ao transito
«Da terra para os Ceus!

«Não! Não!...» Dizia em lagrimas,
Primeiro de temor,
Depois, em pranto indomito
Desafogava a dor!

Porque á noticia lugubre
Rasgado emfim o veu,
Desfez-se a amante dúvida,
É certo—El-Rei morreu!

E ja recorda os fulgidos
Lumes que viu no ar,
N'aquella noite asperrima
Correndo sem cessar.

Uns sobre outros innumeros
Iam caindo a flux;
Seria ao teu espirito
Ja diadema de luz?

Seriam rosas mysticas
Juntas na mão de Deus,
Tirando-as assim candidas
D'entre os martyrios teus?

Ou no celeste jubilo
Caminho de fulgor,
Que te allumia os porticos
Eternos do Senhor?

Ou ja da esposa as lagrimas
E dos filhos sem pae,
Que em rútilos carbunculos
O Ceu mudando vae?

Quem sabe? A tal mysterio
Ninguem o veu ergeu,
Mas hoje o povo attonito
Repete — El-Rei morreu!

III

E nem dos templos, reboando assiduo,
O sacro bronze volteou no ar,
Nem o da guerra, no clamor ignivomo,
De espaço a espaço se sentiu troar!

Nem d'hastea ao meio fluctuante lábaro
Nas Fortalezas, não o viu ninguem;
Nem tristes naus atravessarem funebres
No mastro as vergas, ninguem viu tambem!

Nem sentinellas, perpassando tacitas
Co'a bocca d'arma ja voltada ao chão,
Nem coches negros, nem funereas musicas,
Nem quebra escudos enluctada mão!...

Que importam pompas tanta vez hypocritas
No falso lucto de fingido amor,
Se vejo a terra negrejando lôbrega
Lucto espontaneo de sincera dor?

Se vejo a magoa, que rebenta férvida
De tantos olhos; se hoje escuto esse ai
De tantas boccas desprender-se tremulo,
Em voz cortada soluçando—pae!

E depois busco tumularios marmores
Fulgentes d'ouro, do poder tropheus,
E só descubro d'um Proscripto a lapide
Em terra extranha sob extranhos Ceus!

IV

Proscripto! Quando a desgraça
Te quiz vencer do terror
E aos labios te poz a taça,
Transbordando o fel da dor,
Foi quando te viu radiante,
De vencido triumphante,
De grande alçado a gigante,
Foi quando foste maior!

Hoje de repente a morte
O golpe chegando a ousar,
Não sabe se errara o corte,
Porque te vê respirar
Nessa virtude, que obriga
Inda a mão velha inimiga
A vir, co'a mão sempre amiga,
Da campa fazer altar!

E se teus olhos cerrados
Podessem ver inda aqui,
Verias os teus soldados
Os teus leaes, como eu vi,
Dessa magoa emfim rendidos,
Perdida a luz e os sentidos,
Confessarem-se vencidos,
Que eram só fortes por ti!

Verias nas barbas alvas
Correr-lhes pranto infantil,
E no chão co' as frontes calvas
Soluçar-lhes voz senil;
O que não pôde em trinta annos
A fome e nudez, c'os damnos
D'amargosos desenganos,
Pôde esta dor entre mil!

Esposas, mães, que na guerra
Maridos, filhos em flor,
Viram mortos sobre a terra
Sem chorar, por teu amor,
Rebentam em pranto agora,
E cada qual mais te chora,
Mais na orfandade desta hora
Se crê perdida, Senhor!

E vejo plebeus e nobres,
Magistrados, generaes,
E vejo ricos e pobres,
Chorando todos iguaes;
Vejo a propria mocidade,
Ja nascida nesta edade,
Vir plantar-te hoje a saudade
Entre os goivos sepulcraes.

Ó da verdade e virtude
Estranho, immenso poder!
Amava-te a juventude
Sem, Senhor, te conhecer;
E da tua longa amargura,
Da adversa paixão mais dura,
Te vingas na sepultura,
Te vingas só com morrer!

V

Morrer! Não! Não morreste! Pois que vejo e sinto?
Como outr'ora correu no incendio de Corintho
D'ouro e bronze melhor, mais precioso metal,
Tambem cá neste incendio da desgraça e morte,
Desse teu ouro e bronze d'um caracter forte,
Corre o teu nome eterno em pagina immortal!

Vejo em lascado ramo gemer triste rôla
Na cruel viuvez, que o mundo não consola;
Gemem-lhe orfãos ao lado os tenros filhos seus;
Geme o servo fiel nesse infortunio novo;
Amigos, inimigos, geme um Reino, um povo,
Que na entranhada dor levanta as mãos aos Ceus!

Mas não morreste, não! Cahido na batalha,
E ja cadaver frio envolto na mortalha,
Tens perpetuo viver em nosso coração;
E do outro lado aquelles, da consciencia ao grito,
Inda tremendo fecham o templo ao Proscripto,
Porque podes na campa, surgir da oração!

Vives, pois; viverás! D'aqui te vejo prestes
A nobre fronte erguer na rama dos cyprestes
C'um braço no teu filho, outro braço na Cruz!
Vives, pois, neste amor da terra tua amada,
E dessa voz da morte que nos innoita a estrada
Fazes voz triumphal de vida, esp'rança, e luz!

FIM DO TERCEIRO E ULTIMO VOLUME

NOTAS

AO PRIMEIRO VOLUME

NOTA A

(Introducção)

«Quando deitei o primeiro pregão, estava ainda nos bancos da Universidade.

.....Entretanto a indulgencia do publico, que foi grande, os gabos com que, pela imprensa, me animaram pessoas, que ja não faziam declinar a competencia por suspeitas, visto que, a esse tempo, ou eram pouco, ou não eram, do meu conhecimento...»

«Não posso deixar de me referir principalmente ao senhor *Antonio Feliciano de Castilho*, que na *Revista Universal* me coroou por tantas vezes com um favor mais que generoso.»

Deste meu primeiro programma, do tempo de estudante, em virtude de recommendação e informação benevolente do sr. *A. Herculano*, a quem eu havia lido alguns versos, appareceu noticia na *Revista Universal Lisbonense* de 2 de março de 1843, dizendo alli o sr. *A. F. de Castilho* o seguinte:

«... um novo campeão, que vae entrar na lice «com o escudo ainda liso, mas forte com os seus «vinte annos, com a inteiresa do seu coração, com «a virgindade da sua fé.

.....«Posto que nada até hoje vissemos do sr. *Seixas Castello Branco*, nem com elle ainda nos «encontrassemos, de amigo nosso intimo, juiz em «litteratura competentissimo, sabemos, que ha nos «escriptos deste zeloso neophito da religião poe«tica claros e ás vezes brilhantes arrebóes de um «talento, que, aproveitado e dirigido por bom ca«minho, não deixará de ser para muito.»

Depois, julgando ja por si proprio, e transcre-

vendo duas composições minhas (a 16.ª do 1.º vol. e a 5.ª do 2.º), dizia o sr. *Castilho* na *Revista* de 26 d'Outubro d'aquelle mesmo anno:

«Tivemos o gosto de percorrer a collecção de «poesias lyricas, intitulada — *O Meu Album* — que «o joven poeta o sr. João de Lemos Seixas Cas«tello Branco ha tempos annunciou em um program«ma avulso, e de que já neste jornal demos noti«cias no artigo 1412.

«*O Meu Album* é uma collecção assás crescida «de trechos de prosa e versos, de grande varieda«de e invenção. — Abundancia de sentimento, ora «profundo ora mimoso; arrojos de phantasia, que não «raro chegam a creação; originalidade no stylo; «muitas vezes bellezas lyricas de uma ordem mui«to ellevada, e constantemente philosophia moral e «religiosa, eis aqui, em nosso intender, os meritos «por onde este livro se ha-de fazer recommendado. «—São as estrêas juvenis de um grande engenho, ao qual, sem temeridade, ja se podem predizer bel«los futuros.

Foi, portanto, com aquelle padrinho e por mãos deste sacerdote que recebi o meu baptismo poetico; e fundando-se nesse tempo em Coimbra, sob minha direcção, o *Trovador*, jornal extreme de ver-

sos, o sr. *Castilho* acompanhou por differentes vezes os meus com publicos applausos, que de certo devi principalmente ao seu nobre e conhecido costume de animar sempre os que começam.

NOTA B

(Introducção)

«Tem-se dito que introduzi, ou fiz correr, certa forma nova nas composições lyricas.»

...«não sei se fui adiante ou atraz de ninguem.»

E' claro que me refiro somente ao curso dado a essa forma nova, e que não podia, nem quereria ainda que podesse, encobrir a parte que nella cabe ao sr. *A. F. de Castilho*, pelo primeiro exemplo della na sua epistola ao sr. *Francisco d'Assis Rodrigues*.

Tive apenas, se tive, o merecimento da insistencia em variados modos, para a fazer adoptar, e que o proprio sr. *Castilho* pareceu que me fazia a honra de prever desde as minhas primeiras tentativas. Vej. a Nota G do 2.º volume.

NOTA C

..... por crença o Eterno,
O mundo por altar, os Ceus por templo.
Pag. 2.

Talvez pareça escusada a declaração de que não quiz aqui inculcar o Deismo nem condemnar o culto externo; entretanto, hoje, sempre é bom dizer, que me não deixei nunca arrastar pela corrente anti-catholica, que veiu, por desgraça, atravessar a nossa terra.

O que quiz foi simplesmente annunciar, que nos meus versos havia de preferir, como tenho preferido, a verdade da edea religiosa ás ficções do paganismo. Assim como me associava aos que começaram a nacionalisar a poesia, tambem fazia profissão de acompanhar os que a tinham baptisado.

NOTA D

Osculando na pedra eternas manchas
Do sangue espadanado.
Pag. 58.

Alludo a certas manchas naturaes vermelhas, que

teem algumas pedras da *Fonte dos Amores*, e que o povo, na sua maravilhosa poesia, attribue ao sangue de D. Ignez de Castro; como tambem lhe vê o cabello n'umas hervas que alli nascem, na agua, e que não deixam de ter sua similhança com uma trança solta.

NOTA E

Não vale a pena, vale a pena.
Pag. 91.

Grande numero de composições, assim neste como nos outros volumes, tem sua pequena historia, mas que nem interessa aos leitores nem é necessaria para intelligencia dellas, com quanto reconheça que, em alguns casos, as faria melhor avaliar. N'aquelles versos, porém, parece-me indispensavel dizer d'onde tiveram origem, para se bem entenderem. Foi da phrase *não vale a pena*, que n'um baile me disse uma senhora quando eu levantava do chão uma rosa artificial desprendida do ramo que ella trazia ao peito, accrescentando — «o que *vale a pena* é escrever me no meu *album*» — o qual recebi com effeito no dia seguinte, todo em branco, e com indicação de me ser destinada a primeira pagina.

NOTA F

Flor que não morre.
Pag. 105.

Foram estes versos escriptos n'um *album*, onde um Francez havia desenhado a figura da Esperança, e onde os meus amigos *A. X. R. Cordeiro* e *A. J. G. Lima* tinham tambem escripto outros com referencia áquella figura, fallando ambos de sua esperança perdida.

NOTA G

Ai! Então... impio, mas terno,
Disse—inveje me o Eterno etc.
Pag. 171.

Creio que a palavra *impio*, posta alli muito de proposito, modifica sufficientemente esta exageração amatoria.

NOTAS

AO SEGUNDO VOLUME

NOTA A

> Viessem co'a confiança
> Com que hoje cuspil-o vem!
> Viessem as naus da França etc.
> Pag. 21.

Foi quando uma esquadra franceza ahi veiu, ha poucos annos, ao Tejo fazer humilhantes reclamações em defesa d'um negreiro.

Por essa occasião escreveu o sr. *Mendes Leal* o seu *Pavilhão Negro*, que cumpre ter presente para

intelligencia de differentes logares desta minha composição.

NOTA B

Quem ja deu palmas e voto
A's mesmas naus, que fará?
Pag. 21.

Refiro-me ao applauso com que o partido liberal, com algumas honrosas excepções, viu forçada a barra do Tejo por embarcações francezas, no reinado do Senhor Dom Miguel.

NOTA C

Inda o soube, ahi, ao Tejo,
Trazer, a dar lhe razão.
Pag. 24.

São bem conhecidas aquellas famosas cartas com que o Marquez de Pombal ainda soube obrigar a orgulhosa Inglaterra a vir a Lisboa dar-nos satisfação da offensa que nos fizera, quando na guerra com a França, em 1757, veiu destruir alguns navios desta nação na costa portugueza de Lagos, com manifesto despreso do direito das gentes.

NOTA D

Vi-o em Vincennes tambem.
Pag. 26.

O assassinio traiçoeiro do Duque d'Enghien nos fossos de Vincennes é nodoa de sangue, que ficará sempre por esses seculos fóra manchando a gloria de Napoleão Bonaparte.

NOTA E

Salve singela Cruz!—Que não te vejam
Lá da cidade os olhos do progresso,
Se não traz logo o camartello alçado
Na mão niveladora!
Pag. 45.

Alludo ao *progresso* iconoclasta, que depois de 1834 se armou do camartello arrasador para destruir quanto symbolo, quanto monumento, quanta imagem e quanta Cruz encontrou no seu caminho. Parecia que não podia respirar bem diante de tudo que lhe recordava a gloria ou a piedade!

NOTA F

Nossa Senhora do Pranto.
Pag. 72.

Esta legenda, ou como lhe quizerem chamar, foi colhida em *Frei Luiz de Souza*, e tão textualmente que mais não póde ser. O mosteiro de que se aqui trata foi obra do Infante D. Pedro, filho d'El-Rei D. João I, que, em virtude da apparição da Virgem a Affonso Domingues em Agosto de 1422, lhe lançou a primeira pedra a 28 de Maio de 1443, precedendo Breve do Papa Martinho V: sagrou-a o Bispo de Coimbra D. Jorge d'Almeida em 20 de Janeiro de 1464; enriqueceu-a uma Bulla de Eugenio IV, e muitos privilegios d'El-Rei D. Duarte. Chamou-se Nossa Senhora do Pranto, por ser com aquelle passo da Virgem que o Infante tinha particular devoção, e «que nós agora dizemos melhor da Piedade» accrescenta *Frei Luiz de Souza.*

Este mosteiro, exceptuando a Egreja, cosinha, refeitorio, cellas dos Priores e livrarias, foi devorado pelas chamas na tarde do dia 18 de Outubro de 1843. E não foi só a um desgraçado accidente que se deveu esta perda, deveu-se sobre tudo áquelle desleixo, e, não sei se diga, desamor pelas coi-

sas patrias, com que os Portuguezes deste seculo se teem tornado quasi proverbiaes.

NOTA G

Hosanna
Pag. 95.

Na *Revista Universal Lisbonense* de 28 de Novembro de 1844, o sr. *A. F. de Castilho*, por occasião de dar noticia do n.º do *Trovador*, onde o *Hosanna* foi publicado, disse o seguinte:

«D'estas composições, todas ellas occios litteraᐨ
«rios de juvenis ingenhos, alumnos da nossa crea-
«dora Coimbra, e nenhuma das quaes deixa de ter
«(mais ou menos) sua valia, a mais notavel, quan-
«to a nós, é o cantico de *Hosanna*. Não considerare-
«mos nelle a poesia, muitas vezes remontada, mui-
«tas singela e sempre vívida, colorida e lustrosa:
«são meritos, mas são meritos constantes e ja com-
«muns nos escriptos deste esperançosissimo auctor.
«Admiraremos somente o seu nobre e, em geral,
«bem succedido ardimento na parte métrica. Nada
«é mais facil que o rimar: nada mais difficil, nada
«mais raro que o rimar bem. Os que rimam sem

«custo, só com muito custo podem ser lidos. O jo-
«go do papelão enfastia passados dois minutos: gran-
«de parte das poesias rimadas são arremedos do
«jogo do papelão; só algum tanto mais serios que
«o seu prototypo: *coração* com *paixão*, *amar* com
«*idolatrar* e *amante* com *constante* não é grande
«avaria acertal-os; val mais fazer versos soltos ou
«não fazer nada.

«Os consoantes ou *chocalhinhos*, como os apoda-
«va ou apupava Filinto, e contra os quaes tanto
«clamaram, em versos bem aconsoantados, *Boileau*,
«e Lamothe em prosa, de que se não fez muito ca-
«so, são na verdade, se os considerarmos sisuda-
«mente, um peccado contra a razão. Todavia gene-
«ralisaram-se tanto e tanto teem durado que não ha
«remedio senão releval-o e commettel-o com boa fei-
«ção: *veniam petimusque, damusque.* Mas por isso
«mesmo tambem, que ha tanto duram e tão vulga-
«res se fizeram, é que insistimos em affirmar que
«—para hoje se aturarem consoantes, é necessario
«e urgente sahir da rota batida, virar a capa velha
«e rapada, dar lhe córte e cara de moderna. Desde
«que d'isto nos chegámos a persuadir, dois alvitres
«para o mesmo fim proposemos com o proprio ex-
«emplo: 1.º o de alternar, como os francezes, as ri-
«mas graves com as agudas: 2.º e principalissimo,
«fugir de aconsoantar palavras da mesma natureza

«gramatical: não rimar (senão quando outra coisa «não possa ser) substantivo e substantivo, verbo e «verbo etc. Havia terceiro alvitre que ao menos «conviria lembrar e era, o de procurar, quanto pos- «sivel, o que os francezes appellidam rima rica, «que é quando as palavras rimam entre si pelo «maior numero de lettras; mas com essa terceira «cadêa por cima das outras duas, ninguem, abso- «lutamente ninguem, daria passo em lingua tão bel- «lamente variada e por isso tão pouco rimada co- «mo a nossa. A epistola, dirigida ao sr. *Francisco «d'Assis Rodrigues* e inserta no nosso livro das Ex- «cavações Poeticas, é um documento da possibili- «dade de tal revolução na mecanica da poesia: o «que nós ahi podémos, muitos outros o poderão, e «melhor, e mais facilmente do que nós.

«Coisa para nós muito lisongeira foi que tal poe- «ta, como o sr. João de Lemos, adoptasse para si «o conselho e o quizesse, com o seu exemplo, au- «ctorisar para entre os muitos mancebos estudiosos, «sobre quem a sua musa exerce visivel predomi- «nio.»

NOTA II

O sonho da Actriz
Pag. 103.

Foram-me pedidos estes versos para serem, como foram, recitados pela excellente Actriz *Emilia das Neves*, n'uma representação extraordinaria, quando ahi a trouxeram por tanto tempo afastada do nosso theatro.

NOTA I

Nas paredes escrevera
De Balthazar o porvir.
Pag. 113.

Sobre as paredes da sala do festim appareceram escriptas estas tres palavras *Mane*, *Thecel*, *Pharés*, que foram depois explicadas pelo Propheta Daniel.

NOTA J

A queixa saudosa.
Pag. 118.

Versos recitados na mesma epocha e pela mesma Actriz a que ja me referi, quando projectou ir pedir melhor acolhimento á scena brazileira.

NOTA L

E' nobre, sem mancha; *d'aquelle fugido*
O luxo de infamia não vale o teu pão.
Pag. 154.

Não puz nenhuma nota explicativa a estes versos quando pela primeira vez se publicaram ha bastantes annos, em attenção ao infortunio, embora dourado; menos ainda lh'a porei hoje, em attenção á morte, que vem para todos com a sua inexoravel igualdade.

NOTA M

Constancia e prudencia.
Pag. 161.

E' este o mote ou letra, que trazem em suas armas os Principes de Loewenstein-Wertheim-Rochefort-Rosemberg.

NOTA N

O Funeral e a Pomba.
Pag. 213.

Apesar de demasiado conhecida e reproduzida em multiplicadas edições esta composição, que, se me não engano, levava a competente nota sobre o caso da pomba, sempre quero deixar aqui apontado que tal caso não fôra invenção poetica, mas facto presenciado por muitas testemunhas e relatado, no dia seguinte, pelos jornaes de Lisboa.

NOTA O

Os Patriotas.
Pag. 226.

Talvez carecessem de algumas explicações estes versos. Mas para que? Os leitores de hoje devem intendel-os bem porque é historia passada debaixo de seus olhos; os vindouros, se o livro lá chegar, é melhor que os não intendam.

NOTAS

AO TERCEIRO VOLUME

NOTA A

O Tumulo de Nero.
Pag. 22.

Quando esta composição se publicou no *Trovador*, o sr. *A. F. de Castilho*, fez-me logo a honra de a trascrever na *Revista Universal Lisbonense* de 22 de Maio de 1845, e de m'a premiar depois com estas honrosissimas palavras:

«Recebemos a folha quinta do *Trovador*. Dese-«jaramos poder copial-a toda. Por amostra demos

«a Sepultura de Nero, trecho lyrico superior ao qual «nada conhecemos em portuguez.

NOTA B

Era ahi, *do povo ás portas*,
Pag. 23.

Segundo uma popular tradição romana, havia antigamente em Roma na—Porta del Popolo—uma grande arvore onde vinha sempre empoleirar-se um corvo; cavou-se a terra e achou-se uma urna com inscripção, dizendo que alli se encerravam as cinzas de Nero:—as cinzas foram lançadas ao vento e edificou-se n'aquelle logar a Egreja de Santa Maria do Povo.

NOTA C

A Lua de Londres.
Pag. 27.

Um amigo meu ja fallecido, bom Portuguez mas muito apaixonado de coisas inglezas, não podia levar á paciencia o que ahi digo, e protestava que em Londres tambem havia lua clara. Eu sei lá?!

Lua de gente n'aquelle Ceu! Emfim, Deus tudo pode. Mas se a ha, declaro que tive a infelicidade de não a ver nunca, em nenhuma das tres vezes que, em differentes epochas, lá estive.

NOTA D

Victoria Linda
Pag. 42.

Escrevi estes versos em 1855 por occasião da morte da Exm.ª D. Maria da Victoria Osorio Cabral Pereira de Menezes, que nasceu e falleceu em Coimbra, na *Quinta das Lagrimas*, propriedade da sua familia, sendo enterrada no dia em que completava quatorze annos. Sua mãe, que tinha por esta filha particular extremo, costumava chamar-lhe *Victoria linda*.

NOTA E

Quando na scena c'roaste,
Com as palmas que ceifaste,
A pobre *Maria Paes*.
Pag. 53.

A *Maria Paes* foi um Drama que fiz e se representou em Coimbra no tempo de estudante, e por cujo bom exito se interessaram vivamente não só os Academicos actores, mas todos os que, por qualquer maneira, poderam para elle concorrer. Aqui deixo este pequeno testemunho de minha agradecida memoria e inextinguivel saudade, porque não sei se me resolverei nunca a imprimir o Drama, que ahi é que caberia juntar-lhe mais circumstanciada expressão de reconhecimento pelo muito que a todos devi. Entre os actores, um dos qne mais se destinguiram no brilhante desempenho foi, sem duvida, este intelligente, e a todos os respeitos dignissimo, mancebo a quem dirigi as *Memorias da Juventude*, escriptas no seu *album*. Para os que o conheceram e viram representar, bastará dizer que foi *Alves da Silva*. Ainda mal que a morte veiu, na flor da vida, arrebatal-o á sciencia de que era ornamento, á familia que o estremecia, e aos seus amigos que o estimavam e respeitavam.

NOTA F

Cantos Vagos
Pag. 60.

Quando, ha ja bastantes annos, o jornal litterario intitulado *A Semana* começou a publicar estes versos á medida que os eu hia escrevendo, cuido que tive o proposito de fazer obra crescida e que fosse dando para muitos numeros. Era talvez, principalmente, uma especie de miscelanea de impressões e recordações de viagem. Interrompeu-se então a escripta, não me lembra porque, e ja agora assim ficará, que, ao relêl-a para entrar nesta collecção, nem pude atinar bem com o plano que primeiro tivera. E assim vamos morrendo em nós mesmos pouco a pouco! Ahi vae, pois, o que se publicou.

NOTA G

Do *Campo d'Alvalade*, onde me acoito.
Pag. 61.

O arrebalde de Lisboa que hoje se chama *Campo Grande*, chamava-se antigamente *Campo d'Alvalade* ou *Alvalade o Grande.*

NOTA H

Adeus a Lisboa.
Pag. 75.

Para ser recitada no theatro de S. Carlos por *Madame Stoltz*, na noite da sua despedida, fez-me a honra o sr. *O. Fournier,* Consul francez em Lisboa nessa epocha, de imitar na sua lingua esta composição, imprimindo-se exemplares de ambas, que então se espalharam no mesmo theatro. Aqui ponho a imitação franceza.

ADIEUX DE M.me STOLTZ

I

Adieu! ma noble ville! adieu, belle Lisbonne!
Plus belle que Stamboul! que j'aime ta couronne
D'églises, de palais! que j'aime ton ciel pur,
Ton fleuve dont les flots réfléchissent l'azur!
Fille de Roi, tu naquis Reine!
Lisbonne, adieu, ma souveraine!

II

La gloire sur ton front a mis le diadème!
N'as-tu pas autrefois dompté l'Océan même?
L'histoire, qui t'a fait un passé sans égal,
Est pleine de de ces noms: Lisbonne! Portugal!
Fille de Roi, tu naquis Reine!
Lisbonne, adieu, ma souveraine!

III

Reine des vastes mers!... La voilà qui s'élance
Ta flotte qui d'un monde enrichit ta puissance;
Compte, si tu le peux, tes combats, tes exploits,
Compte les Rois vaincus qui vivaient sous tes lois!
Fille de Roi, tu naquis Reine!
Lisbonne, adieu, ma souveraine!

IV

Il brûle encore d'envie, il rugit de colère,
Le Maure, en son exil, qui, de loin, voit ton sol;
Le souvenir du Tage, enivrante chimère,
Vit, palpitant encore, au cœur de l'Espagnol,
Fille de Roi, tu naquis Reine!
Lisbonne, adieu, ma souveraine!

V

Oh! Je me souviendrai de toi, ma noble ville,
De toi qui me donnas un si splendide asile!
J'aurai des pleurs pour toi, quand de tes bords heureux
Le flot m'emportera sous de plus sombres cieux.
Fille de Roi, tu naquis Reine!
Lisbonne, adieu, ma souveraine!

VI

Il me suivra partout ce glorieux trophée,
De fleurs et de rubans qu'une invisible fée
Sema de noms si beaux, brodés en lettres d'or,
Mais qui sont dans mon cœur gravés bien mieux encore.
Fille de Roi, tu naquis Reine!
Lisbonne! adieu, ma souveraine!

VII

Vous savez du génie alimenter la flamme,
Portugais!... Recevez ce cri que part de l'âme:
Merci! cent fois, merci... Vos applaudissements
Ont réchauffé mon cœur, ont ravivé mes chants.
Fille de Roi, tu naquis Reine!
Lisbonne, adieu, ma souveraine!

VIII

Non, je n'oublierai pas, noble Lusitanie,
Ton ciel d'azur, ton soleil d'or;
Ton fleuve qui bondit, ton culte du génie:
Ó Portugal, tu n'es pas mort!...

NOTA I

Das costas d'Albion, da tua patria.
Pag. 96.

Dirigia-me a uma senhora ingleza, em cujo *album*, por solicitação de um amigo, escrevi estes versos.

NOTA J

As pontas das *agulhas* branqueadas.
Pag. 96.

São umas pedras altas, pontiagudas, á entrada do canal de Inglaterra, e brancas de maneira que parecem artificialmente branqueadas.

NOTA L

Porque Morreste?
Pag. 107.

Estava a banhos com sua familia na Figueira o meu amigo *Diogo Barata de Lima e Tovar*; resolve-se um passeio á Capella de Nossa Senhora da Encarnação em Buarcos; uma sua filhinha, ligeiramente incommodada, é quem mais se alvoroça com a funcção instando para ir; cedem os Paes; vae todo o rancho contente; mas aquelles voltam ja cuidadosos na formosa criança, porque o mal se aggravara, e em breve choram para sempre a sua perda, donde teve origem esta composição.

NOTA M

Do que logo depois prostrado acata!
Pag. 113.

Aludo á famosa conversão do israelita *Affonso Ratisbonne*, porque, poucos dias antes della, passando com *M. de Bussieres* junto á *Escada Santa*, e vendo que este tirava o chapeu e a sauda-

va, escarneceu muito disto, que elle chamava superstição. Não escarneçaes tanto, lhe disse *M. de Bussieres*, que brevemente a haveis de subir de joelhos. E assim aconteceu, por effeito daquella maravilhosa conversão que tão fallada foi ha poucos annos, e tão conhecido tornou o nome de *Affonso Ratisbonne*.

NOTA N

O tyrio marmor cavado
Pag. 113.

Os 28 degraus de que se compõe a Escada do Pretorio, são de marmore de Tyro de uma grande alvura.

NOTA O

Não fizesse a mão d'um Papa.
Pag. 113.

O Papa Clemente XII a fez cobrir com fortes pranchas de madeira, já hoje muito gastas, por baixo das quaes se descobrem no marmore os profundos signaes cavados pelos joelhos dos peregrinos.

NOTA P

Com mil despojos de gloria
Do martyrio triumphal.
Pag. 115.

Ao cimo da *Escada Santa* ha uma capella, onde está reunida grande quantidade de reliquias dos principaes martyres, e outros objectos sagrados, sendo por isso esta capella denominada em Roma *Sancta Sanctorum*.

NOTA Q

Offender-me?!
Pag. 170.

Depois de annunciada a publicação do *Cancioneiro*, alguem communicou ao sr. *F. Palha*, editor dos dois primeiros volumes, que o Chefe do Estado, nessa epocha, o Senhor D. Pedro, que Deus tenha em gloria, havia dito estas palavras: «Se João de Lemos se não offendesse, seria assignante.» O editor, a quem unicamente tocava o que dizia respeito a assignantes, acudiu a satisfazer devidamente, pela sua parte, á delicadesa d'aquellas ex-

pressões, enviando ao Senhor D. Pedro o 1.º volume publicado.

Só mais tarde tive conhecimento de tudo isto, porque estava então ausente de Lisboa. O que eu desde logo poderia fazer estava feito. Mas faltava engeitar a supposição, e agradecer a honra do tão distincto leitor. Foi o que fiz nestes versos, que cuidei chegariam um dia no 3.º volume a suas augustas mãos, se a morte, infelizmente, o não arrebatasse tão cedo.

NOTA R

Ao Principe.
Pag. 178.

Foi dirigida esta composição, que ja corre impressa, ao Augusto Filho do Senhor D. Miguel de Bragança, quando o meu particular amigo *A. J. R. Gomes d'Abreu* partiu de Lisboa para Bronnbach, tendo sido encarregado de dirigir os estudos d'aquelle Principe.

NOTA S

Vinte e seis d'Outubro.
Pag. 197.

Anniversario do nascimento do Senhor Dom Miguel de Bragança.

NOTA T

De enchalavares as espheras rutilas
Pag. 220.

Enchalavar, não é palavra que venha em nenhum Diccionario, mas nem por isso deixa a coisa de existir com o respectivo nome. Chamam assim os pescadores a uns sacos de rede com seu arco de madeira na bocca, e que lhes serve para levarem porções de peixe de um ponto para outro, principalmente a sardinha, quando a tiram da grande rede. Virá porventura de *encher a levar*? Entrego o caso aos etymologistas.

NOTA U

As portas entra, deve entrar, sem duvida.
Pag. 223.

É um sitio das agoas, na proximidade da costa, a que os pescadores chamam *portas*, e passado o qual se julgam já seguros de alcançar a praia.

NOTA V

E ja recorda os fulgidos
Lumes que viu no ar.
Pag. 233.

Alludo ao phenomeno das estrellas cadentes, que houve na noite em que falleceu o Senhor Dom Miguel de Bragança e durante o periodo do passamento.

NOTA X

E do outro ladò aquelles, da consciencia ao grito,
Inda tremendo fecham o templo ao Proscripto
Porque podes na campa, surgir da oração.
Pag. 239.

O Governo não consentiu que em Lisboa se fizessem as exequias nem em S. Vicente de Fóra, nem na Sé Patriarchal

ERRATAS

Pag. 50, lin. 6, onde se lê—Etsas, lêa-se—Estas.
» 52, lin. 13, onde se lê—parsado, lêa-se—passado.
» 64, lin. 12, onde se lê — eterno, lêa-se — Eterno.
» 71, lin. 1, onde se lê—vén, lêa-se—véu.
» 82, lin. 12, onde se lê—provir, lêa se—porvir.
» 91, lin. 21, onde se lê—na, lêa-se—em.
» 110, lin. 2, onde se lê—Q'e, lêa-se—Que.
» » lin. 24, onde se lê—ao, lêa-se—aos.
» 152, lin. 1, onde se lê—Offerece, lêa-se—Off'rece.
» » lin. 5, onde se lê—Offerece, lêa-se—Off'rece.
» 176, lin. 4, onde se lê—alvorados, lêa-se=alvoradas.
» 229, onde se lê—XLII, lêa-se—XLIII.

INDICE